

FACULDADE DAMAS DA INSTRUÇÃO CRISTÃ

CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO

INGRID RIBEIRO SAMPAIO CARVALHO

A VIDA, A PROSTITUIÇÃO E A INVISIBILIDADE SOCIAL DAS
MULHERES DO MANGUE DE SANTO AMARO

Recife

2018

FACULDADE DAMAS DA INSTRUÇÃO CRISTÃ

CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO

INGRID RIBEIRO SAMPAIO CARVALHO

**A VIDA, A PROSTITUIÇÃO E A INVISIBILIDADE SOCIAL DAS
MULHERES DO MANGUE DE SANTO AMARO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como exigência parcial para a Graduação no Curso de Arquitetura e Urbanismo da Faculdade Damas da Instrução Cristã, sob a orientação da Profa. Dra. Ana Maria Filgueira Ramalho.

Recife

2018

Catálogo na fonte
Bibliotecário Ricardo Luiz Lopes CRB-4/2116

C331v Carvalho, Ingrid Ribeiro Sampaio.
A vida, a prostituição e a invisibilidade social das mulheres do Mangue de Santo Amaro / Ingrid Ribeiro Sampaio Carvalho. - Recife, 2018.
82 f. : il. color.

Orientador: Prof.^a Dr.^a Ana Maria Filgueira Ramalho.
Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia – Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade Damas da Instrução Cristã, 2018.
Inclui bibliografia.

1. Invisibilidade social. 2. Desigualdade. 3. Exclusão. 4. Prostituição. I. Ramalho, Ana Maria Filgueira. II. Faculdade Damas da Instrução Cristã. III. Título.

72 CDU (22. ed.) FADIC (2018.1-439)

FACULDADE DAMAS DA INSTRUÇÃO CRISTÃ

CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO

INGRID RIBEIRO SAMPAIO CARVALHO

A VIDA, A PROSTITUIÇÃO E A INVISIBILIDADE SOCIAL DAS MULHERES DO MANGUE DE SANTO AMARO

Trabalho de conclusão de curso como exigência parcial para graduação no curso de Arquitetura e Urbanismo, sob orientação da Prof.a Dr.a Ana Maria Filgueira Ramalho.

Aprovado em 12 de junho de 2018

BANCA EXAMINADORA

Ana Maria Filgueira Ramalho, Doutora, FADIC – Orientadora

Letícia Loreto Quérette, Doutora, FADIC – Convidada

Winnie Emily Fellows, Doutora, FADIC – Convidada

Recife

2018

Dedico este trabalho a Amaury Ulisses de Carvalho,
minha eterna e maior inspiração.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, à Deus, que foi quem me fortaleceu nesta minha caminhada rumo à minha formação.

À minha família, que esteve sempre presente em todas as etapas da minha vida pessoal e acadêmica.

A todos os professores que participaram da minha formação profissional, em especial minha professora orientadora Ana Ramalho.

Também agradeço, a todos que de alguma forma contribuíram para este trabalho.

“Hoje sabemos que matar está longe de ser o pior que o homem pode infligir
ao homem.”

(Hannah Arendt, Homens em tempos sombrios)

RESUMO

A presente pesquisa tem como objetivo analisar a invisibilidade social perante a sociedade e o Estado, das mulheres do mangue de Santo Amaro, que se prostituem nos manguezais por cerca de cinco a dez reais para trocarem por drogas, nas proximidades da ponte de Limoeiro, as margens da Avenida Artur de Lima Cavalcanti, no bairro de Santo Amaro, em Recife, Pernambuco. Em paralelo, foi realizada a uma extensa pesquisa bibliográfica para entender os conceitos de **desigualdade**, **exclusão** e **invisibilidade social**, considerados de suma importância para o desenvolvimento deste trabalho e por acreditar que a invisibilidade perante a sociedade faz com que não exista cobrança da população perante os órgãos governamentais. Como metodologia, foram aplicadas entrevistas e questionários com atores estratégicos visando comprovar a invisibilidade destas mulheres perante os recifenses e também foram realizadas visitas à Avenida em questão e à ponte de Limoeiro. Como resultado da pesquisa, comprovou-se não só a invisibilidade alarmante das mulheres do mangue, como também a ausência de projetos que visem solucionar ou minorar a sua situação. Inclusive foi visto que quando há projetos no entorno, a área onde vivem essas mulheres não é englobada.

Palavras-chave: invisibilidade social; desigualdade; exclusão; prostituição.

ABSTRACT

This research aimed at analyzing the social invisibility before society and the state of the women of the mangrove of Santo Amaro, who prostitute themselves in the mangroves for about five to ten reais in exchange for drugs, near the bridge of Limoeiro, the banks of Artur de Lima Cavalcanti Avenue, in the neighborhood of Santo Amaro, in Recife, Pernambuco. At the same time, an extensive bibliographical research was carried out to understand the concepts of **inequality, exclusion and social invisibility**, considered of great importance for the development of this research and for believing that invisibility before society means that there is no collection of the population for the organs governmental organizations. As a methodology, interviews and questionnaires were applied with strategic actors aiming at proving the invisibility of these women before the citizens of Recife. Also, visits were made to the avenue in question and to the Limoeiro bridge. As a result of the research, not only the alarming invisibility of the mangrove women, but also the absence of projects aimed at solving or alleviating their situation. It has even been seen that when there are projects in the surroundings, the area where these women live is not encompassed.

Keywords: inequality; exclusion; social invisibility; prostitution.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 01 – Prática de remo no mangue.

Figura 02 – Catamarã da empresa Catamarã Tours no passeio a Ilha de Deus.

Figura 03 – Via Mangue, o mangue e cidade do Recife.

Figura 04 – Trecho da Via Mangue próximo a Ponte Encanta Moça, no Pina. Recife-PE.

Figura 05 – Palafita no Manguezal do bairro do Pina.

Figura 06 – Mocambo no Centro do Recife, 1920.

Figura 07 – Mocambos em áreas alagadas na década de 1920.

Figura 08 – José Barbosa da Silva, morador do mangue, catando caranguejo.

Figura 09 – Mangue de Santo Amaro.

Figura 10 – Mangue consumido pelo lixo.

Figura 11 – O mangue de Santo Amaro e os principais órgãos públicos do entorno.

Figura 12 – 1950: bebedouros separados para brancos e negros.

Figura 13 – Na praça, na década de 50, apenas as mulheres brancas podiam sentar nos bancos.

Figura 14 – Foto da favela de Paraisópolis ao lado de um prédio de apartamentos de luxo no Morumbi, em São Paulo.

Figura 15 – Pessoas passeiam em São Paulo indiferentes aos pedintes.

Figura 16 – Os indicadores utilizados para calcular o ISV, distribuído em três campos.

Figura 17 – Aumento e redução da vulnerabilidade das Regiões Metropolitanas do Brasil.

Figura 18 – Estatísticas dos moradores de rua do Recife, Brasil e do mundo.

Figura 19 – Percentual de crianças em domicílios com renda per capita menor que R\$ 75,00.

Figura 20 – Tabela do Atlas do Desenvolvimento Humano no Recife, 2005.

Figura 21 – Relação das mulheres entrevistadas.

Figura 22 – Dados das entrevistas com as mulheres do “Chupa-Chupa”.

Figura 23 – Ponte de Limoeiro.

Figura 24 – Ponte de Limoeiro e o mangue de Santo Amaro.

Figura 25 – Mangue de Santo Amaro visto da ponte de Limoeiro.

Figura 26 – O “chupa-chupa” e a Avenida Arthur Lima Cavalcanti.

Figura 27 – Moradora do “Chupa-chupa” saindo do mangue.

Figura 28 – Moradora grávida do mangue de Santo Amaro.

Figura 29 – Travesti transitando na calçada do “chupa-chupa”.

Figura 30 – Ponte de Limoeiro e o prédio da Prefeitura do Recife.

Figura 31 – Perspectiva do projeto de revitalização da Vila Naval.

Figura 32 – Maquete eletrônica da proposta da revitalização da Vila Naval.

Figura 33 – Mapa da Vila Naval e o mangue de Sto Amaro.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
CAPITULO I: O RECIFE E SUA RELAÇÃO COM O MANGUE.....	16
1.1 O Recife e o mangue como referência da cidade.....	16
1.2 A apropriação do mangue e sua relação com a pobreza	22
1.3 Mangue e as Mulheres caranguejo: alvo de prostituição e tráfico de drogas.....	26
CAPITULO II: DESIGUALDADE, EXCLUSÃO E INVISIBILIDADE SOCIAL.....	31
2.1 Desigualdade.....	31
2.2 Exclusão social.....	36
2.3 Homens sem nome, sem rosto, invisíveis.....	38
CAPITULO III: O RECIFE DESIGUAL, EXCLUÍDO E INVISÍVEL.....	41
3.1 O Recife que o turista não vê.....	41
CAPITULO IV: AS MULHERES DO MANGUE DE SANTO AMARO.....	48
4.1 Mulheres do mangue: A vida e o crack no mangue de Santo Amaro...48	48
4.2 Fluxo de pessoas no “Chupa-Chupa”.....	54
4.3 O Estado e as mulheres do mangue.....	59
4.3.1 Projeto de Revitalização da Villa Naval.....	65
4.4 Sociedade e a invisibilidade das mulheres do “Chupa-chupa”.....	67
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	70
REFERÊNCIAS.....	73
APÊNDICE A - ENTREVISTA COM A EQUIPE DO PROGRAMA ATITUDE.....	80
APÊNDICE B - QUESTIONÁRIO ONLINE COM A POPULAÇÃO RECIFENSE.....	81
APÊNDICE C - ENTREVISTA PESSOAL COM MORADORES RECIFENSES.....	82
APÊNDICE D - ENTREVISTA COM MULHER DO MANGUE DE SANTO AMARO.....	83

INTRODUÇÃO

Alguns espaços da cidade são lembrados pelas características geográficas, praias, ruas estreitas, becos. Outros, pelos prédios antigos, templos, museus; outros territórios, em específico, são caracterizados pela pobreza, pela prostituição e pelo uso de drogas (ASSIS, 2017).

O presente trabalho é um estudo sobre a vida, a prostituição e a invisibilidade social sofrida pelas mulheres que se prostituem nas proximidades da ponte de Limoeiro, entre o mangue e a Avenida Artur de Lima Cavalcanti, localizada em Santo Amaro. Ao se apropriarem dos manguezais, estas mulheres, que segundo TEXEIRA (2014) dividem a lama com os caranguejos e por isso, foram chamadas de mulheres-caranguejo, vivenciam uma rotina de consumo de crack e de prostituição, transformando o mangue em um cenário de criminalidade, sendo reconhecido a partir disso, como “Chupa-chupa” (ASSIS, 2017).

Entre tantas belezas naturais, o mangue, um ecossistema costeiro, de transição entre os ambientes terrestre e marinho, tornou-se destaque e referência para a cidade do Recife. Esta riqueza natural, marca a cidade também pelo fato de ser historicamente ocupada pelas classes mais pobres, que devido a falta de condições financeiras para custear moradias em áreas mais nobres e com boa infraestrutura, foram se alojando em áreas de manguezal, desvalorizadas, de pouco interesse imobiliário, às margens da cidade e longe do núcleo central, sem o mínimo necessário para lhes oferecer uma boa qualidade de vida. Pessoas vivendo entre lixo, ratos, baratas e em palafitas é uma história presente no mangue do Recife desde a década de 60, como contou Josué de Castro em seus livros e contos, e que permanece viva e atual no mangue de Santo Amaro com as mulheres caranguejo, que vivem e se prostituem entre o lixo e o manguezal. A venda do sexo barato que patrocina o vício das drogas e é invisível para a cidade.

Visto que apropriação do mangue para uma vida “desumana” entre lixo e extrema pobreza, é uma situação retratada há décadas e que permanece tão atual no mangue de Santo Amaro e também pela escassez de projetos pensados com o objetivo de tirar essas mulheres da invisibilidade, surgiu então a necessidade de realizar uma pesquisa sobre o assunto. Sendo assim, foi questionado, até que ponto a invisibilidade das mulheres caranguejo perante a sociedade e o Estado agrava a

situação em que vivem? Para então, alcançar o objetivo da pesquisa e responder os questionamentos levantados em torno do tema.

O trabalho tem por objetivo geral analisar a invisibilidade social das mulheres caranguejo do mangue de Santo Amaro perante o Estado e a sociedade. Em consonância com o objetivo geral, estruturou-se os seguintes objetivos específicos a serem trabalhados ao longo do trabalho: analisar a história do Recife a partir da apropriação do mangue e sua relação com a pobreza; identificar as principais causas de desigualdade, exclusão e invisibilidade social do Recife; entender quem são e como vivem as mulheres do mangue de Santo Amaro; entender os fatores que influenciaram as referidas mulheres a irem para o mangue e sua relação com o mesmo; entender o que mantêm essas mulheres na invisibilidade; e entender até que ponto a invisibilidade das mulheres caranguejo perante a sociedade e o Estado agrava a situação em que vivem.

Para isso, inicialmente foi realizada uma pesquisa bibliográfica incluindo obras literárias e imprensa escrita, que teve como fases a identificação do material (identificação); a localização do local da fonte (localização); a reunião das referências e de todo o material levantado (compilação) e concluindo com a transcrição dos dados levantados em fichas bibliográficas (fichamento).

A pesquisa bibliográfica de obras literárias teve como norteador, autores de livros renomados sobre a miséria no mangue no século passado, como por exemplo, Josué de Castro em seu livro “Homens e caranguejos” e em seu conto “O ciclo dos caranguejos”. Também foi pesquisado, através de artigos, a história do Recife associada a prostituição e por meio de imprensa, notas jornalísticas sobre quem são e como vivem as mulheres do mangue de Santo Amaro.

Além da pesquisa bibliográfica, também foi tomado como procedimento desta metodologia, uma pesquisa documental. Esta trabalho teve como norteador o documentário do programa jornalístico de TV que foi transmitido em rede nacional na emissora Record e também foram verificadas as políticas urbanas e sociais que contemplam o entorno do mangue de Santo Amaro, com a finalidade de entender o que vem sendo pensado e implementado para essas mulheres, bem como, os projetos de intervenção urbanísticas nessas áreas, como foi o caso, o Projeto de

revitalização da Vila Naval. Uma pesquisa histórica também foi realizada com foco na invisibilidade social e espacial da cidade do Recife, com o intuito de comprovar que a situação das mulheres é reflexo da desigualdade que permanece ativa na capital pernambucana.

Após a pesquisa bibliográfica, foi realizado uma pesquisa de campo na área de estudo. Uma vez que não foi possível acessar o mangue ou ter contato direto com as mulheres do mangue de Santo Amaro, devido a alta periculosidade da área, através de visitas à Ponte de Limoeiro e a Avenida Arthur de Lima Cavalcanti foi possível estudar a área, o fluxo e quem frequentava a área em estudo.

Também foram realizadas entrevistas com os recifenses, com a finalidade de provar a falta de conhecimento de tal problemática social pela população residente da mesma cidade. Nestas entrevistas procurou-se captar o conhecimento dos moradores quanto os problemas sociais da cidade, sobre as áreas de mangue e sobre a invisibilidade social.

O trabalho foi estruturado em seis itens, incluídos esta introdução (primeiro item), além de considerações finais e referências. No segundo item, foi analisada a cidade do Recife e sua relação com o mangue. Com isso foi possível constatar que além de referência para a cidade, o mangue está relacionado com a pobreza desde a década de 60. Mostrando que a criminalidade e prostituição presentes no mangue de Santo Amaro é uma problemática enraizada na história da cidade.

No item três, com o intuito de fornecer uma base teórica ao leitor, para uma compreensão da análise dos dados e das discussões posteriores do trabalho, expõem-se as noções conceituais em torno do tema, conceituando o que é desigualdade, exclusão e invisibilidade sócio espacial. Para dar continuidade a este item, no seguinte, o quarto, os conceitos foram aplicados na cidade do Recife.

Estudada a teoria, o item quatro abordou as mulheres que foram o objeto da pesquisa, as mulheres do “chupa-chupa”. Neste item, foi abordado a vida destas mulheres e sua relação com as drogas e o mangue. Também foi exposto o resultado obtido com as visitas a área em estudo e o entorno. Nessas visitas foram

examinadas características do espaço, dos transeuntes e o que foi possível analisar rapidamente das mulheres do mangue.

Ainda no item quatro, foi exposto os resultados obtidos com a entrevista a Camila Rangel, supervisora técnica do Programa Atitude e com Maria do Carmo Soares e Alexandro Marcos, equipe responsável pelo contato e apoio as mulheres através do Programa Atitude nas Ruas, gerido pela Secretaria Executiva de Políticas sobre Drogas (SEPOD) da Prefeitura do Recife. Além disso, também foi exposto o resultado das pesquisas com recifenses, visando comprovar a invisibilidade social destas mulheres, também perante a sociedade. Também foi entrevistada uma dessas referidas mulheres que estavam no Centro de Acolhimento e Apoio do programa Atitude. Após as visitas, as entrevistas e a coleta dos materiais, esses dados foram compilados neste último capítulo realizando uma análise dos resultados encontrados e tudo o que havia sido estudado nos capítulos anteriores.

Espera-se assim, trazer alguma contribuição para entendimento da situação em que vivem as mulheres do mangue, uma vez que a invisibilidade das referidas mulheres perante a sociedade, faz com que não exista cobrança da população para os órgãos governamentais.

CAPÍTULO I

O RECIFE E SUA RELAÇÃO COM O MANGUE

Neste capítulo será apresentada a capital pernambucana, Recife, suas construções históricas, sua cultura, suas belezas naturais e sua relação com mangue. A cidade cresceu em uma planície costeira na qual a predominância do solo era de manguezal e foi sobre esses terrenos alagadiços que Recife foi construído. O mangue será abordado quanto ao seu ecossistema, influência econômica e quanto à moradia. Remete-se a história do Recife a pobreza e as construções no mangue, história essa que foi contada na década de 60 pelo influente professor, geógrafo, cientista social, político, escritor e ativista brasileiro do combate à fome, Josué de Castro e permanece viva até a atualidade. Uma prova dessa vida entre o manguezal e o lixo na atualidade, são as mulheres caranguejo, que vivem e se prostituem em um dos marcos de referência da cidade do Recife: no mangue.

1.1. O Recife e o mangue como referência da cidade

A cidade do Recife é uma metrópole regional nordestina, capital de uma região metropolitana que apresenta, conforme os dados do Censo de 2010 do Atlas de Desenvolvimento Humano, uma área de 217,01 km² e uma população de 1.537.704 habitantes (censo de 2010). Recife assume o posto de uma das cidades mais influentes socioeconomicamente no Nordeste brasileiro e um dos centros urbanos mais desenvolvidos do país.

A capital de Pernambuco é afamada por atrair milhares de pessoas às suas belezas naturais e sua arquitetura com marcante influência holandesa. Um conjunto arquitetônico e cultural encontrados na área onde se locava o antigo Porto do Recife, no centro da capital. Área esta que abriga galerias, museus e outros espaços culturais, como por exemplo, o Cais do Sertão, Caixa Cultural, Marco Zero e o Paço do Frevo, que são responsáveis por atrair dezenas de turistas diariamente. Além disso, os valores culturais da cidade também são expressos no talento de artistas como Nelson Rodrigues, Romero de Britto e Francisco Brennand. A cidade também é sede do maior bloco carnavalesco do mundo, conhecido como o Galo da

Madrugada. Recife é uma cidade marcada pelas suas belezas naturais, construções históricas, pela população acolhedora, por sua cultura e por uma culinária marcante com vasta diversidade de pratos, que variam desde frutos do mar frescos, como caranguejos extraídos do mangue, ao cardápio sertanejo que faz encher os restaurantes da cidade.

Além de sua riqueza em construções históricas que preservam muitos resquícios do seu período colonial, a capital também é conhecida como a “Veneza brasileira”, devido ao fato de ter sua paisagem cortada por rios, canais, manguezais e por dezenas de pontes que conectam os seus bairros. Para Joaquim Nabuco, as águas do Recife eram mais claras e saudáveis do que as de Veneza (FREYRE, 2007). As Ilhas, o mar, os canais, os rios e o manguezal fazem a capital possuir uma geografia ímpar.

Entre tantas belezas naturais, o mangue tornou-se destaque e referência para a cidade do Recife. O manguezal é um ecossistema costeiro, de transição entre os ambientes terrestre e marinho, característico de regiões tropicais e subtropicais, sujeito ao regime das marés (NANNI, 2005). Presentes em quatro continentes e seis regiões geográficas do planeta, com maior ocorrência na América Central e Caribe, Índia, Península da Indochina, Brasil e Austrália (BARBOSA, 2010). O manguezal ocupa atualmente, mais de um terço da costa brasileira e é formado pelas mais distintas espécies, desde animais microscópicos até grandes peixes, répteis, aves e mamíferos (NANNI, 2005). Dos 220 quilômetros quadrados do território da capital pernambucana, 5,34 são de manguezal, ou seja, apenas 2,4% da superfície do centro urbano (SOUZA, 2017).

O Recife nasceu e se desenvolveu, ressalta o professor do Instituto de Ciências Biológicas da Universidade de Pernambuco (UPE), Clemente Coelho Junior, num mosaico de floresta de restinga, cujo solo encharcado era circundado por diversos rios. “Historicamente, a gente pode dizer que o Recife, na prática, está sobre o mangue”, ressalta. Por causa disso, esclarece o professor colaborador e orientador do Departamento de Oceanografia da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) Zanon Passavante, a capital é um território privilegiado. “A interação entre a cidade e o manguezal não serve só para a melhoria do ar. Permite a interação da rede trófica (teia alimentar)” (SOUZA, 2017).

Para uma cidade construída praticamente ao nível do mar como o Recife, o mangue contribui sobremaneira no controle das marés e na diminuição da ocorrência de enchentes nas épocas de chuvas fortes. O manguezal também tem o papel de contribuir na estabilidade das costas, já que suas raízes fixam firmemente as terras e funcionam como um importante banco genético para a recuperação de áreas degradadas (BARBOSA, 2010).

Os manguezais funcionam como um filtro que extrai a poluição da água transformando-a em nutrientes capazes de ser absorvidos pelos seres vivos. Por essa característica singular que faz do ambiente um dos principais refúgios, sendo nomeado assim, de berçário marinho. No Recife, embora a carga de lixo e esgoto depositada nos rios seja enorme, o mangue consegue absorver parte dos nutrientes. Se não fosse ele, o rio seria muito mais poluído (SOUZA, 2017). Além disso, esse ecossistema também tem grande importância no quesito social, uma vez que a produção dos manguezais constituem cerca de 95% do alimento que o homem captura do mar, por esse motivo, a sua manutenção é vital para as comunidades que vivem em seu entorno e para a biodiversidade da zona costeira. A fabricação de artesanato, a pesca artesanal, a coleta de mariscos, tais como caranguejo, aratu e camarões, são exemplos de como o mangue influencia na economia da comunidade local (BARBOSA 2010). Há também, outros serviços que contribuem para a sociedade, como o turismo e prática de esportes (SOUZA, 2017). No manguezal pode-se praticar o *stand up paddle* ou remo (Figura 01) enquanto presencia as belezas e a variedade de animais que lá se encontram. Também se pode ter uma experiência semelhante através dos passeios de lancha ou de Catamarã (Figura 02). A Catamarã Tours, por exemplo, faz um passeio de cerca de duas horas que sai do bairro de São José, passa por áreas de mangue e faz uma parada na Ilha de Deus, ilha esta que é cercada pelo manguezal e banhada pelos Rio Pina, Jordão e Tejipió (ALVES, 2016).

Figura 01: Prática de remo no mangue.



Fonte: Federação Pernambucana de Remo, 2015.

Figura 02: Catamaran da empresa Catamaran Tours no passeio a Ilha de Deus.



Fonte: Catamarã Tours, s.d.

Todo o manguezal é uma Área de Preservação Permanente (APP), com restrições de uso descritas em diversas leis, como por exemplo, na Constituição Federal (1988), Resolução nº 004/85 do Conselho Nacional do Meio Ambiente (CONAMA) e no Código Florestal Lei nº 4771/65, alterada pelas Leis 7803 e 7875/89. Apesar disso, é comum o uso do manguezal para depósito de lixo, esgoto, para aterro, pesca e construção de moradias (BARBOSA, 2010).

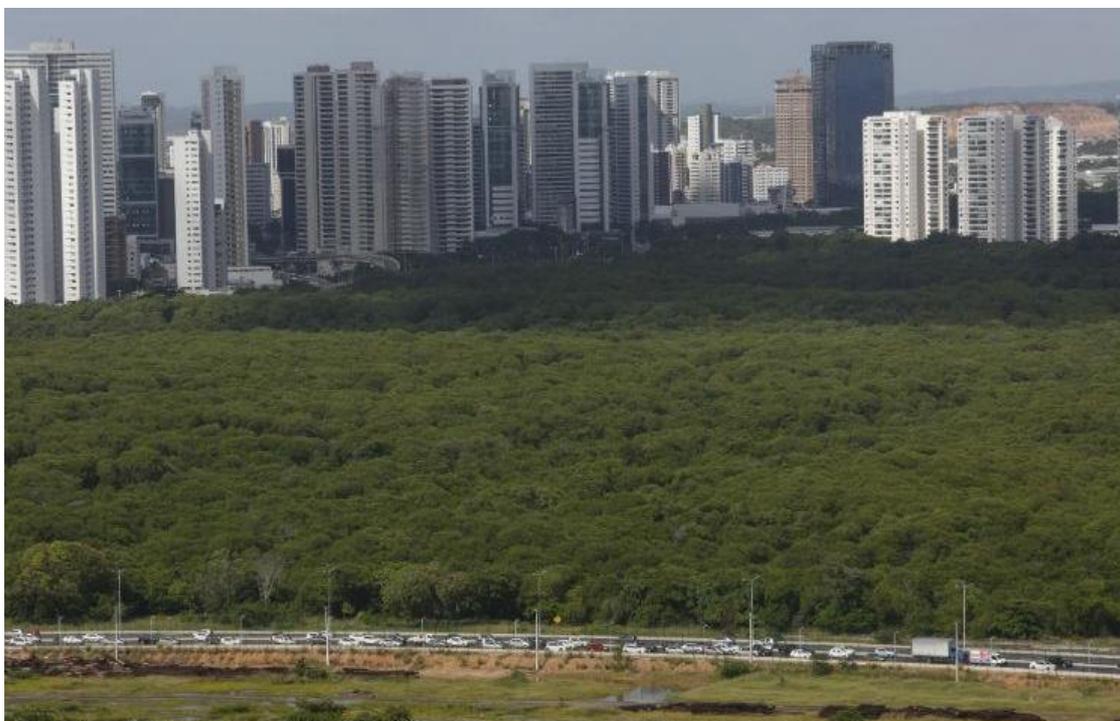
Segundo Josué de Castro, os mangues vieram dos rios e construíram seu próprio solo, batendo-se em luta constante contra o mar.

Vieram como se fossem tropas de ocupação e, ao contato com o mar, edificaram silenciosa e progressivamente esta imensa baixada aluvial hoje cortada por inúmeros braços de água dos rios e

densamente povoada de homens e caranguejos, seus habitantes e seus adoradores (CASTRO, 2007, p. 12 e 13).

O mangue é de suma importância para a cidade do Recife devido a fatores ecológicos e sociais e embora seja considerada como a maior área de manguezal urbano do Brasil, a área vem sofrendo ameaças e deterioração tanto pela ocupação espontânea de seus arredores e dentro do mangue, quanto pela pressão exercida por grandes construtoras as quais são responsáveis pelo aumento desenfreado da especulação imobiliária no local. As ameaças não são apenas ação de instituições particulares, até o poder público vem buscando no manguezal uma saída para melhoria no sistema viário da cidade, sem importar-se com os impactos que essa área sofrerá e se comprometerão o equilíbrio desse ecossistema (BARBOSA, 2010). Um exemplo da ação dos órgãos públicos foi a construção da Via Mangue (Figura 03 e 04), via responsável por ligar o bairro de Boa Viagem, na Zona Sul, ao Centro do Recife, Zona Norte. A pista tem sete pontos de acesso ao longo dos 4,3 km de extensão e fez parte do pacote de obras da cidade para a Copa do Mundo, embora já existisse antes do evento futebolístico.

Figura 03: Via Mangue, o mangue e cidade do Recife.



Fonte: SOARES, 2017.

Figura 04: Trecho da Via Mangue próximo a Ponte Encanta Moça, no Pina. Recife-PE.



Fonte: CAVALCANTE, 2017.

A Figura 04 também expõe a realidade do mangue quanto a sua relação com a pobreza. Pode-se ver, com facilidade, as margens da grandiosa Via Mangue ocupadas por comunidades que vivem em situações sub-humanas no manguezal do Pina. Pessoas vivendo entre lixo, mangue, ratos, baratas e em palafitas.

Miséria, falta de ordenamento urbano em áreas ribeirinhas e política habitacional deficiente. São os ingredientes que resultam na mais precária forma de habitação popular do Recife: as palafitas (figura 05). Após uma breve tentativa de erradicação por parte do poder público, no início dos anos 2000, as políticas para o segmento foram deixadas de lado. O resultado é que atualmente, em pelo menos oito pontos da cidade é possível vislumbrar barracos erguidos precariamente sobre as áreas de mangue (Jornal do Comércio, 2018).

Figura 05: Palafita no Manguezal do bairro do Pina.



Fonte: SANT'ANNA, 2015.

Em 2011, as famílias que moravam nas áreas de mangue onde hoje está o corredor viário, Via Mangue, foram relocadas para os apartamentos construídos no conjunto habitacional Via Mangue próximos a área onde residiam. Porém, há relatos que em menos de um ano, os moradores alugaram seus apartamentos e voltaram a construir e viver em palafitas, ou seja, casas com tábuas mal arranjadas e placas de compensado a beira do rio (G1, 2011).

1.2. A apropriação do mangue e sua relação com a pobreza

Remete-se a história do Recife, a população pobre se deslocar para partes mais distantes, desvalorizadas e de pouco interesse imobiliário da cidade para estabelecerem moradia. Sertanejos fugindo da seca, da fome e da pobreza, saíram da zona rural e migraram para os grandes centros urbanos brasileiros buscando melhores condições de vida. Este deslocamento da zona rural para a zona urbana, conhecido como êxodo rural, foi um dos maiores responsáveis pelo adensamento populacional hoje existente nas grandes cidades brasileiras. Esses imigrantes chegaram a zona urbana sem condições financeiras para custear moradias em áreas privilegiadas e com boa infraestrutura, com isso, foram se alojando em áreas

de mangue, desvalorizadas, de pouco interesse imobiliário, às margens da cidade e longe do núcleo central, sem o mínimo necessário para lhes oferecer uma boa qualidade de vida.

Sem muitas opções de áreas ocupáveis à disposição ou apenas áreas onde pudessem ter condições de arcar financeiramente com os imóveis, as camadas populares passaram a se estabelecer nas zonas altas de morro ou nas áreas alagadas do manguezal em construções conhecidas como mocambos (Figura 06 e 07) que, ao lado dos rios e pontes, passaram a marcar a paisagem urbana da cidade (NETA, 2005). Em 1939, cerca de 63,7% das construções da cidade eram mocambos. Para o sociólogo Gilberto Freyre, esse tipo de habitação popular, era a solução para os países subdesenvolvidos, uma vez que a construção era acessível economicamente e o interior das casas tinham um bom arejamento. O que a tornava insalubre era a lama do manguezal onde era construído, mas a construção em si, na opinião de Freyre, não deveria ser desprezada (FREYRE, 1967).

Figura 06: Mocambo no Centro do Recife, 1920.



Fonte: LUIZ, 2013.

Figura 07: Mocambos em áreas alagadas na década de 1920.



Fonte: LUIZ, 2013.

A lama dos manguezais, ao longo da história da cidade, acolheu a população mais pobre, enquanto a cidade e a urbanização do Recife crescia distante dessa realidade. O mangue sediava os mocambos misturados com a lama, sujeira, degradação e caranguejos. Segundo a música de “Rio, Pontes e Overdrives” do cantor e compositor Francisco Brandão, mais conhecido pela alcunha de Chico Science, “a lama come no mocambo”. Science também descreve em 1996, na sua música “Manguetown”, a lama, a sujeira e o mal odor das casas dentro do mangue.

Tô enfiado na lama,
É um bairro sujo,
Onde os urubus têm casas,
E eu não tenho asas.

Mas estou aqui em minha casa,
Onde os urubus têm asas,
Eu vou pintando, segurando as paredes.
No mangue do meu quintal e manguetown,
Andando por entre os becos,
Andando em coletivos,
Ninguém foge ao cheiro sujo
Da lama da manguetown (SCIENCE, 1996).

Para Castro (2007), o fenômeno da fome se revelou espontaneamente aos seus olhos nos mangues do Capibaribe, nos bairros miseráveis da cidade do Recife:

Afogados, Pina, Santo Amaro e Ilha do Leite. Josué de Castro reafirmou dizendo: “nasci na cidade do Recife, que é sob certos aspectos a Hong Kong da América, com a sua miséria acumulada, empastada neste grupo de ilhas que flutuam, sonolentas, entre os braços dos dois rios: o Capibaribe e o Beberibe”. O autor também relatou sobre a fome não ser um problema exclusivo do manguezal, que o mangue apenas atraiu os homens famintos do Nordeste inteiro que naquela época fugiam da seca. Referindo-se aos moradores do manguezal como seres anfíbios, habitantes da terra e da água, meio homem e meio bichos (CASTRO, 2007).

E assim ficavam todos eles afogados no mangue, agarrados pelas ventosas com as quais os mangues insaciáveis lhes sugavam todo o suco de sua carne e da sua alma de escravos. Com uma força estranha, os mangues iam assim apoderando-se da vida de toda aquela gente, numa posse lenta, tenaz, definitiva. Estas estranhas plantas que, em eras geológicas passadas, se tinham apoderado de toda essa área de terra – esta fossa pantanosa onde hoje assenta a cidade do Recife – estendia agora sua posse também aos seus habitantes. E tudo nesta região passava a pertencer ao mangue conquistador e dominador: tanto a Terra como o Homem (CASTRO, 2007, p.11).

Segundo o conto “O ciclo dos caranguejos” de Josué de Castro, “o mangue não é de ninguém, é da maré.” O conto aborda o ciclo dos moradores pobres do mangue, que vivem dos caranguejos, pois se alimentam deles, os vendem, seus dejetos se tornam alimentos para eles e quando os moradores chegam a óbito, seus corpos misturam-se a lama do manguezal para tornar-se alimento do caranguejo e assim prosseguir o ciclo. Por isso e pelo fato deles sobreviverem economicamente da captura do caranguejo e por viverem como caranguejos enterrados na lama, estes ficaram popularmente conhecidos como homens caranguejos (Figura 08). Em 1966, Josué de Castro retratava as habitações do mangue da seguinte forma:

Zona compacta dos mocambos, das choças de palha e de barro, amontoadas umas por cima das outras num enovelado de ruelas, numa anarquia desesperadora. As casas entrando por dentro da maré, a maré invadindo as casas. Os braços do rio no meio da rua e a lama envolvendo tudo (CASTRO, 2007, p. 16).

Figura 08: José Barbosa da Silva, morador do mangue, catando caranguejo.



Foto: CUNHA, 2013.

Essas construções tão desfavoráveis em mangues, são resultantes de questões socioeconômicas, que ao longo da história da cidade determinam quais lugares serão ocupados pelos homens e mulheres mais empobrecidos da sociedade recifense. O mangue transformou-se em um dos símbolos das desigualdades e dos contrastes da cidade do Recife. Desde os primórdios, as faixas de manguezais da cidade, foram ocupadas pelas classes sociais mais pobres, buscando no mangue, uma alternativa para a sobrevivência, seja morando nele ou consumindo/vendendo o que adquire dele. Embora a cidade venha desenvolvendo positivamente em sua rede de serviços e comunicação, os manguezais continuam sendo áreas impróprias para moradia e ocupados pelos mais pobres (ASSIS, 2017).

1.3. Mangue e as Mulheres caranguejo: alvo de prostituição e tráfico de drogas

Além de toda a riqueza natural encontrada no mangue do Recife, a capital também assume a posição de ser um dos maiores pontos de turismo sexual do Nordeste (RANGEL, 2016). Essa posição também foi alcançada devido ao fato da prostituição estar ligada a história da capital pernambucana, a exemplo do que ocorreu em outras cidades portuárias. Segundo registros do Instituto de Pesquisas Sociais da Fundação Joaquim Nabuco, o Porto do Recife, antes conhecido como “Arrecifes dos Navios”, era diariamente frequentado por boêmios, homens e mulheres, escravos e

prostitutas. Sendo o Porto, um fator impulsionador da prostituição, uma vez que possibilitava a circulação de clientes brasileiros e estrangeiros, garantindo assim, a viabilização e manutenção do desenvolvimento das práticas sexuais comerciais na capital. Além do fato de que a vida noturna do bairro sempre esteve associada à boemia, mulheres, músicas e prostituição (NUNES, 2016).

A maior problemática desse crescimento da prostituição era a proliferação de doenças, uma vez que as medidas sanitárias eficazes surgiram apenas entre 1940 e 1954, quando Recife já ostentava o título pejorativo de “A Venérea Brasileira”, em lugar de a “Veneza Brasileira” (SANTOS, 2017).

Devido a dominação da prostituição no centro do Recife, somada a falta de controle e de investimentos do poder público, a área foi entrando em decadência. Os bairros foram tomando forma de cortiços e as áreas voltadas ao comércio e residências foram abandonadas. Com isso, foi pensado para a área um projeto de Revitalização do Recife Antigo (PARENTE, 2014). Devido a revitalização, a prostituição ocupou outros espaços, como por exemplo, os bairros de São José e Santo Antônio (NETO, 2016). Um pouco mais afastados, também começaram a estabelecer pontos de práticas sexuais comerciais em locais como a nova área portuária, o Porto de Suape, trechos da Avenida Norte e no mangue de Santo Amaro. Embora pareça atípico, a prostituição no mangue já é relatada há décadas no Brasil. Em Andrade (1991), é contada a história da prostituição do mangue do Rio de Janeiro, onde relata o mangue como um cenário transformado em um bordel coletivo, onde se exerce um amor vendido, barato e humilhante, comparando o manguezal a um esgoto sexual.

No Recife, a poucos metros da ponte de Limoeiro, ponte responsável por ligar o bairro do Recife ao bairro de Santo Amaro, e às margens do rio Capibaribe, em um dos bairros mais populosos e mais pobres, o bairro de Santo Amaro (Figura 09), encontra-se a Avenida Arthur Lima Cavalcanti e às margens desta via, uma área de mangue que atualmente é ocupada por mulheres submersas em um mundo de prostituição, prostituição infantil e tráfico de drogas e devido a essa ocupação, o local ficou conhecido como “Chupa-chupa”. O jornalista Marcionila Texeira, em edição para o Jornal Diário de Pernambuco, descreveu as moradoras do mangue de Santo Amaro como mulheres caranguejo, devido ao fato de se misturarem com os

caranguejos na mesma lama salobra (TEXEIRA, 2014). Em contato com algumas destas mulheres, foi visto que este termo “mulher caranguejo” é ofensivo, depreciativo e não é bem recebido por elas.

Figura 09: Mangue de Santo Amaro



Fonte: Google Earth, editado pela autora em 2017.

As mulheres vivem entre uma exorbitante quantidade de lixo (Figura 10) e moradias insalubres que não intimidam os clientes ou as mulheres que ali habitam. Essas mulheres, conhecidas como mulheres caranguejo, são o objeto de estudo empírico desse trabalho.

Figura 10: Mangue consumido pelo lixo.



Foto: CUNHA, 2013.

Essa situação acontece a poucos metros de distância de renomadas instituições de poder, conforme mostra a Figura 11, e em um percurso da cidade com fluxo intenso de veículos, mas, as mulheres permanecem invisíveis aos órgãos públicos, bem como da população recifense. Tomando repercussões locais apenas após um documentário realizado por um programa de TV ser reproduzido nacionalmente.

Figura 11: O mangue de Santo Amaro e os principais órgãos públicos do entorno.



Fonte: Google Maps, editado pela autora em 2017.

Além da prostituição e degradação, as áreas de manguezais também são alvo de tráfico de drogas. Para Souza (2016, apud Assis 2017), grandes problemas sociais, como o consumo de drogas, é resultado das desigualdades sociais históricas do Brasil e da reprodução das condições de pobreza e dos tratamentos sociais e jurídicos de opressão e estigmatização direcionada as classes mais pobres. “O crack

estabelece fronteiras de classe social, cor, gênero e geração. São os homens, desempregados, pobres, destituídos de vínculos familiares os que mais consomem cotidianamente a substância” (ASSIS, 2017).

A esmagadora maioria dos usuários autodestrutivos do crack é construída socialmente pelo seu abandono secular e pela experiência de humilhação cotidiana que ela implica. A violência peculiar dessa droga é uma resposta a esse abandono e humilhação (SOUZA, 2016 apud ASSIS, 2017).

A exclusão social dessas mulheres e a criminalidade no mangue, são reflexo do histórico de desigualdade social fortemente presente no Recife. A sociedade passou a ver com indiferença, ou até a não ver situações como por exemplo, menores de idade usando drogas e se prostituindo as margens do mangue, moradores de rua, entre outros, que estão presentes na cidade, mas que parecem invisíveis. Sendo assim, nota-se a importância em discutir e aprofundar os conceitos de desigualdade, exclusão e invisibilidade social.

CAPÍTULO II

DESIGUALDADE, EXCLUSÃO E INVISIBILIDADE SOCIAL

Neste capítulo serão discutidos os conceitos de desigualdade, exclusão e invisibilidade social e como estes fenômenos decorrem um do outro e que não se trata de conceitos dissociados. A partir do estudo da relação destas problemáticas, será exposto o problema da desigualdade como uma situação que leva e perpetua a exclusão. Também será abordado um conceito novo, a invisibilidade social, que acontece quando as vítimas da exclusão, além de excluídas, também são invisíveis perante a sociedade.

2.1. Desigualdade

O conceito de desigualdade refere-se de um desequilíbrio no padrão de vida da população, seja no âmbito profissional, de ensino, de gênero, social ou econômico. Essa falta de igualdade entre os habitantes afeta principalmente os países subdesenvolvidos e é marcada pela desigualdade econômica, devido a falta de homogeneidade na divisão de renda entre a sociedade.

Segundo Buarque (1993), a desigualdade está presente na história desde os gregos antigos, embora tenham sido criadores do humanismo, eles acreditavam que a espécie humana era dividida em duas categorias distintas, sendo uma parcela destinada a liberdade e a riqueza da cultura e os outros, para trabalhar como escravos. Segundo o renomado filósofo Aristóteles: “Alguns homens são por natureza livres, e os outros, escravos”. Segundo Buarque (1993), as sociedades costumam se dividir em partes diferenciadas, como por exemplo: os senhores e os escravos, os aristocratas e os servos, cristãos e pagãos, as castas que se observam em sociedades orientais e o tratamento machista contra as mulheres.

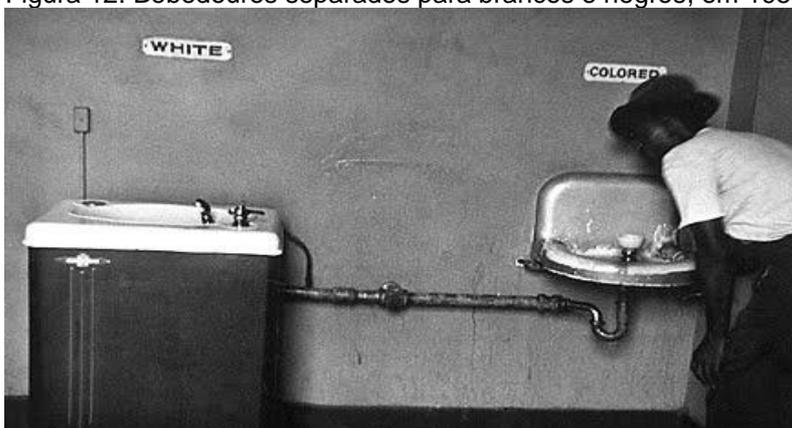
Segundo Sousa (2010), a falta de igualdade social é uma problemática enraizadas na história do Brasil desde a expansão europeia ultramarina. Quando a Europa já não havia mais riquezas naturais a explorar, para sua expansão econômica, se fez necessário procurar tais riquezas em outros territórios. Acreditava-se que o acúmulo

de metais preciosos era sinônimo de prosperidade econômica e por isso, os portugueses vieram fazer tais explorações no Brasil. Ao chegar no país, os portugueses logo se uniram às mulheres nativas ou às escravas vindas da África para exploração. (SOUSA, 2010).

Essa miscigenação cristalizou-se com as futuras levas de escravos negros trazidos da África para o Brasil. Esse amálgama racial foi motivo de preocupação de cientistas e pensadores racistas do século XIX. Chegou-se a pensar que trazendo imigrantes europeus, em poucos anos a população de cor negra se extinguiria (SOUSA, 2010).

Os portugueses foram os primeiros a importar escravos da África para trabalho, e devido a essa experiência, decidiram optar pela mão-de-obra escrava africana para suprir a demanda dos projetos europeus de exploração às Américas e descartaram a opção de trabalho europeu. Com isso, começou o *apartheid* social em terras americanas (SOUSA, 2010). O *apartheid* foi um regime de segregação racial regido pelo governo do Partido Nacional da África do Sul, onde os direitos políticos, sociais, culturais, civis e econômicos dos negros foram extintos, enquanto a minoria branca recebia todos os privilégios do país e essa situação perdurou por mais de quarenta anos (Figura 12 e 13). Esse regime separatista estabeleceu que os negros não tinham direito a voto, que haveria separação nas instituições de ensino, nos transportes públicos, nos esportes, nos hospitais, nos locais de entretenimento, nos empregos, consolidou-se a necessidade de *passaportes* para os não-brancos circularem entre as áreas, proibiram-se contatos sociais, inclusive casamentos, entre pessoas de raças diferentes, e até nos locais de moradia (NASCIMENTO, 2009).

Figura 12: Bebedouros separados para brancos e negros, em 1950.



Fonte: Portal R7, 2013.

Figura 13: Na praça, na década de 50, apenas as mulheres brancas podiam sentar nos bancos.



Fonte: Portal R7, 2013.

O *apartheid* dava aos brancos um sentimento de superioridade em relação aos negros, sem sentir nenhuma culpa diante de tamanha desigualdade, no pensamento deles, era algo natural. Essa situação era semelhante a relação dos europeus com os escravos negros e os índios e atualmente, esse sentimento sem culpa da desigualdade, está presente na pobreza urbana, na fome, na mortalidade infantil, e nos moradores de rua (BUARQUE, 1993).

Para Buarque, o *apartheid* renasceu de outra forma, em larga escala, mas com o mesmo propósito: “garantir, por meio da exclusão das grandes massas, os privilégios que não podem ser distribuídos para todos” (1993). A imigração Norte Americana, por exemplo, já não tem mais o intuito de impedir a entrada de estrangeiros conforme raça, mas conforme renda. Em alguns países, qualquer pessoa, de qualquer raça, pode ter entrada permanente desde que ingresse com um certo montante de dinheiro (SOUSA, 2010).

Embora a escravidão já não mais exista e os direitos sejam estendidos igualmente a todos, a desigualdade continuou e cresce cada dia mais. Alguns séculos atrás, embora existisse segregação da população, todos usavam quase o mesmo tipo de bens e serviços. Por exemplo, os médicos de ricos e dos pobres tinham o mesmo conhecimento e equipamentos, a quantidade de alimento não variava muito

conforme as classes, o nível educacional era semelhante e os meios de transportes eram igualmente lentos e sem conforto (BUARQUE, 1993).

Quando se compara a desigualdade da década de 30 e 50 à atualidade, nota-se a disparidade na realidade do que é oferecido aos pobres e aos ricos, enquanto a minoria vive no luxo, a maioria se encaixa nas periferias e às margens da sociedade (Figura 14). A diferença do *apartheid* atual no mundo é que hoje os ricos compram os mesmos privilégios que antes eram garantidos por lei conforme a raça (BUARQUE, 1993).

Figura 14: Foto da favela de Paraisópolis ao lado de um prédio de apartamentos de luxo no Morumbi, em São Paulo.



Fonte: FALCÃO, 2011.

Segundo a Constituição Federal de 1988, no artigo 3º, se define os direitos da sociedade e o os seguintes objetivos fundamentais do Brasil:

Art. 3º. Constituem objetivos fundamentais da República Federativa do Brasil:

I - construir uma sociedade livre, justa e solidária;

II - garantir o desenvolvimento nacional;

III - erradicar a pobreza e a marginalização e reduzir as desigualdades sociais e regionais;

IV - promover o bem de todos, sem preconceito de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação (Artigo 3º da Constituição Federal de 1988).

Um trabalho em busca de um retrato mais completo da desigualdade no Brasil do que o exibido por levantamentos tradicionais foi publicado pelo irlandês Marc Morgan, doutorando da Escola de Economia de Paris, e nele expõe uma nova base de dados sobre a renda nacional que une informações do IBGE e da Receita Federal das declarações do Imposto de Renda. O trabalho de Morgan sugere que a desigualdade brasileira é maior do que o esperado, com uma enorme concentração no topo da pirâmide social, onde o grupo que representa os 10% mais ricos fica com mais da metade da renda de todo o país (55%). O estudo destaca que um grupo com cerca de 1,4 milhão de brasileiros, ou seja, 1% da população, é responsável por 28% da renda nacional (BALTHAZAR, 2017).

"A obsessão com a extrema riqueza não pode nos deixar esquecer da pobreza, porque é isso que precisamos corrigir com as políticas públicas". [...] "Talvez os recursos do governo aumentem se os ricos forem mais tributados, mas o problema será sempre como usar esse dinheiro" (BALTHAZAR, 2017).

Atualmente, cinco bilionários brasileiros possuem, juntos, um patrimônio equivalente ao da metade da população mais pobre do País. Para Pazello, apenas com políticas públicas de alívio de pobreza que tirem essas pessoas dos bolsões de miséria e políticas para essas pessoas não caírem novamente na marginalização que essa situação pode ser minorada e assim melhorar o capital humano.

Embora esteja previsto em lei que a sociedade seja livre, justa, solidária, sem pobreza, marginalização e reduzir a desigualdade social, segundo Elaine Toldo Pazello, professora de Economia da Faculdade de Economia e Administração de Ribeirão Preto da USP, a riqueza dos ricos no Brasil está aumentando mais rápido do que a dos pobres, logo, entende-se que a desigualdade no país irá piorar (CRISTINA, 2018).

A renda das pessoas mais ricas está crescendo de forma mais acelerada, os ricos estão ficando mais ricos, inclusive está sendo de forma mais rápida do que a renda dos pobres está crescendo, então com isso, você acelera o crescimento da desigualdade. A renda das pessoas lá do topo da pirâmide tá crescendo de forma mais rápida do que a renda das pessoas da base da pirâmide e isso faz com que a desigualdade só aumente (PAZELLO, 2018 apud CRISTINA, 2018).

A partir do que se foi estudado, entende-se que a desigualdade social afeta toda a estrutura da cidade, uma vez que a má distribuição de renda, deixou a maioria em pobreza extrema, e como reflexo disso, a cidade sofre com um altíssimo índice de criminalidade e enquanto poucos vivem no luxo, a maioria passa fome, com baixo nível escolar e conseqüentemente, por não se enquadrarem nos padrões estabelecidos socialmente, tornam-se vítimas da exclusão social.

2.2 Exclusão social

“Exclusão Social” é resultado de um processo de empobrecimento que torna desigual o acesso ao trabalho, à justiça, à cultura, à educação, etc. É uma expressão que se tem designado o processo de marginalização de indivíduos e de grupo de indivíduos (MANO, 2012).

A desigualdade social segrega e faz com que a maioria desfavorecida seja “excluída” sócioeconomicamente, por não se enquadrarem nos padrões ideais estabelecidos pela sociedade. O termo exclusão social surgiu na década de 60, mas com a crise dos anos 80, a expressão ganhou popularidade (ARZABE, s.d).

A expressão [exclusão social], por ser relativamente recente, está longe de ser unívoca, mas está sempre relacionada às concepções de cidadania e integração social. Normalmente é empregado para designar a forma de alijamento dos frutos da riqueza de uma sociedade e do desenvolvimento econômico ou o processo de distanciamento do âmbito dos direitos, em especial dos direitos humanos (ARZABE, s.d).

A pobreza e a exclusão, embora tratem-se de conceitos distintos, ambos estão relacionados com a desigualdade. Enquanto a pobreza está ligada a distribuição limitada de recursos, a exclusão social, por sua vez, está associada aos aspectos relacionais, isto é, a ausência de proteção social, a participação social inadequada, a ausência de integração social e a ausência de poder (ARZABE, s.d). Não é a privação material que caracteriza a exclusão social, mas essa privação desqualifica o seu portador, no sentido que lhe retira a qualidade do cidadão perante a minoria que alcança os padrões idealizados pela sociedade. Portanto, a exclusão social significa então, a situação de não encontrar nenhum lugar social, o não

pertencimento a nenhum topo social, onde a existência é limitada apenas a sobrevivência diária (LEAL, 2014).

Esse enfoque sobre as relações que determinam a exclusão social permite que se afaste definitivamente a idéia, por vezes arraigada, de que a pobreza e a exclusão social decorrem naturalmente da vida em sociedade ou do inelutável progresso. Ou de que, por razões biológicas ou psicológicas, algumas pessoas não são capazes de se ambientar favoravelmente dentro das relações capitalistas. Ocorre que, quando metade da população do país é de tal modo pobre que não consegue exercer plenamente seus direitos humanos, algo não pode estar correto nesse tipo de raciocinar. Nessa linha, é como se, como bem observa Azam [Geneviève Azam, economista francesa], as atividades econômicas tivessem o condão de, por si, criar uma sociedade harmoniosa. O naturalismo fatalista se estende, ainda, ao caráter das leis econômicas. A sociedade é apresentada como submetida às leis econômicas que não mais se originariam das escolhas humanas. A exclusão passa a ser vista como natural e mesmo inerente, reforçando a crença no progresso contínuo, sob uma racionalidade instrumental que faz das pessoas, assim como do meio ambiente, nada mais do que recursos ou meios para a obtenção do maior lucro, à margem das escolhas políticas e sociais (ARZABE, s.d).

Para as pessoas vítimas da exclusão social, restam profissões desvalorizadas e os lugares sociais não participativos e excludentes dos demais habitantes (MARTINS, 2002). Segundo Martins (2002), "a sociedade que exclui é a mesma que inclui e integra" e essa problemática não se trata de uma situação recente, o problema da exclusão nasceu com a sociedade capitalista e é característica dela. O que distingue os incluídos dos excluídos, é que eles têm, respectivamente, "o privilégio de exercer direitos e de ter acesso ao que de básico esta sociedade pode oferecer em termos materiais e culturais" e os que não o têm" (LEAL 2014).

Segundo Mano (2012), existem cinco distintos tipos de exclusão social: a social, a cultural, a econômica, o patológico e os comportamentos autodestrutivos. Nos fatores de natureza social, se encaixam os idosos, devido ao estilo de vida ser distinto do estilo vivido pela maioria e mesmo que tenham recursos, eles são excluídos pela sociedade pelo fato de viverem mais isolados.

Os fatores de natureza cultural que levam à exclusão social, são, por exemplo, o racismo, a xenofobia, os preconceitos existentes na sociedade, se caracteriza por

fatores enraizados na cultura que levam à excluir as minorias (MANO, 2012). Já os fatores econômicos são ligados aos rendimentos e os recursos dos indivíduos. “Populações empobrecidas vêm sendo empurradas no rumo da exclusão na medida em que seguimos uma lógica econômica”, ou seja, dessa maneira, passam também a ser excluídos pela sociedade (MANO, 2012).

Por último, os fatores patológicos e de comportamentos autodestrutivos podem estar na origem de processos excludentes. Nesse tipo, se encaixam os indivíduos toxicodependentes, como por exemplo, os alcoólatras e os usuários de drogas ilícitas ou portadores de doenças psíquicas. “São fatores que estão na origem da ruptura com os outros e que se alargam a outros sistemas, como o emprego, habitação, saúde, etc” (MANO, 2012). Estes tipos de processos de exclusão têm origens diferentes e por isso, as medidas e políticas de combate devem ser elaborados visando a especificidade de cada tipo, buscando assim, maior assertividade (MANO, 2012).

Embora existam políticas de combate a exclusão, por se tratar de um fenômeno decorrente da desigualdade enraizada na cultura do País, torna-se ainda mais difícil de combatê-lo. Outro fator que é um empecilho para minorar tal situação, é que quanto mais excluídos forem, terão mais dificuldades para se encaixar na sociedade e logo serão menos vistos e notados, e com isso, se tornarão invisíveis. Embora a invisibilidade trate-se de um reflexo da situação dos mais excluídos e vulneráveis (termo utilizado para os mais excluídos que estão em situação de fragilidade econômica e/ou social), essa problemática perpetua a exclusão.

2.3 Homens sem rosto, sem nome, invisíveis

Em uma sociedade onde os valores morais e éticos são colocados no lugar do medíocre e superficial, o talento e competência são preteridos em nome da fama passageira, *pelo domínio da mídia, da cultura da aparência, da publicidade, do espetáculo fútil*. O cidadão comum é marginalizado, apartado por uma sociedade consumista e materialista; desprovido de bens materiais perde a sua identidade, torna-se um anônimo. Sem nome. Sem rosto (SOUZA, 2010).

As classes mais excluídas da sociedade, sofrem por não serem notadas, vistas. Tornam-se homens sem nome, sem rosto e invisíveis. A invisibilidade social é um termo que foi discutido pela primeira vez por Fernando Braga da Costa, psicólogo da Universidade de São Paulo, em defesa a sua tese de mestrado, intitulada de “Garis – Um estudo de psicologia sobre a invisibilidade pública”, em que ele passou seis anos disfarçado de gari para estudar esse sistema que segrega a sociedade. Costa (2002) observou a invisibilidade em situações do cotidiano, como por exemplo, o olhar de desprezo das pessoas para ele, até mesmo de pessoas que o conhecia no dia-a-dia mas não o reconheceram vestido de gari, uma vez que era ignorado por eles quando estava disfarçado. Para o psicólogo, esses trabalhadores são diversas vezes tratados de forma pior do que tratam um animal, que eles ficam sem identidade, sem rosto para a população (COSTA, 2002).

O preconceito que gera a invisibilidade engloba todos os indivíduos que são considerados como fora dos padrões de vida das classes hierarquicamente superiores, como por exemplo, os profissionais do sexo, pedintes, usuários de drogas, mulheres e homossexuais. Tal discriminação tem se banalizado cada vez mais e se transformado em situações corriqueiras na vida social. A sociedade passou a acostumar-se e posicionar-se com indiferença para cenários como por exemplo, observar uma menor de idade usando drogas em uma esquina (CONSTANTINO, 2007) .

Fatores sociais, culturais, econômicos e estéticos são capazes de contribuir com a invisibilidade social mas a questão econômica ainda é um dos principais causadores. De acordo com Samuel Gachet, psicólogo, a condição de ser invisível, de ser “ninguém” pode levar a processos depressivos e de abandono. (CONSTANTINO, 2007). Para o professor da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), Luiz Eduardo Soares, a invisibilidade causada pela indiferença atinge a maioria da população brasileira. Ele afirma sua teoria através dos miseráveis que vivem nas ruas do país enquanto as pessoas passam por eles indiferentes a situação em que estão (Figura 15) (RODRIGUES, s.d).

Figura 15: Pessoas passeiam em São Paulo indiferentes aos pedintes.



Fonte: SADER, 2017.

Um dos principais causadores da invisibilidade é a questão econômica, uma vez que, com o desenvolvimento do capitalismo, os menos favorecidos tornam-se homens invisíveis (CONSTANTINO, 2007). “O sistema capitalista sobrevive sob a lei da mais valia, na qual para que um ganhe é imediatamente necessário que outro perca. Logo, a classe de baixa renda é vista como um vasto mercado consumidor, sendo essa, a sua única forma de visibilidade” (SOUSA, 2010).

A partir do que foi visto, entende-se que a problemática resultante da invisibilidade é que por não serem vistos, como parece que acontece, por exemplo, com as mulheres do mangue de Santo Amaro, torna-se mais um obstáculo para mudar a situação em que estão. Ou seja, como elas e o estilo de vida que levam são invisíveis perante a sociedade e o governo, solucionar ou minorar seus problemas torna-se ainda mais difícil.

CAPÍTULO III

O RECIFE DESIGUAL, EXCLUÍDO E INVISÍVEL.

“A apatia maltrata e reduz o ser humano à invisibilidade, transforma gente em cenário, em rua, em calçada. Não olha idade, sexo ou cor” (KÍRION, 2017). Este capítulo aborda, a situação da desigualdade, exclusão e invisibilidade na capital de Pernambuco, Recife, que hoje é detentora do maior índice de Vulnerabilidade Social do Brasil e está entre as cidades mais violentas do país. Um cidade cheia de riquezas e atrativos turísticos que tem entre seus cenários de desigualdade, por um lado um bairro com luxuosos prédios a beira do mar como Boa Viagem, e no bairro vizinho, Pina, pessoas excluídas e invisíveis morando, em condições sub-humanas, em palafitas.

3.1 O Recife que o turista não vê

Entre tanta beleza natural e turística, encontra-se um Recife que o turista não vê. Uma cidade desigual, com inúmeras vítimas da exclusão e invisibilidade social. Entre as doze regiões metropolitanas brasileiras, a cidade do Recife tem hoje o maior Índice de Vulnerabilidade Social (IVS) do país. O termo vulnerável nessa pesquisa, é referente as pessoas excluídas, que sofrem com a desigualdade e a invisibilidade. A infraestrutura urbana, renda e o trabalho, foram os principais componentes que levaram a capital pernambucana a apresentar um aumento de 16,3% no período de 2011 a 2015. Para compor o índice de vulnerabilidade, os pesquisadores do Instituto Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), consideram dezesseis grupos indicadores (Figura 16), subdivididos em três campos: infraestrutura urbana, capital humano e renda e trabalho. Os indicadores sociais para se obter o IVS são extraídos dos seguintes institutos: Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) e o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) (CARVALHO, 2017).

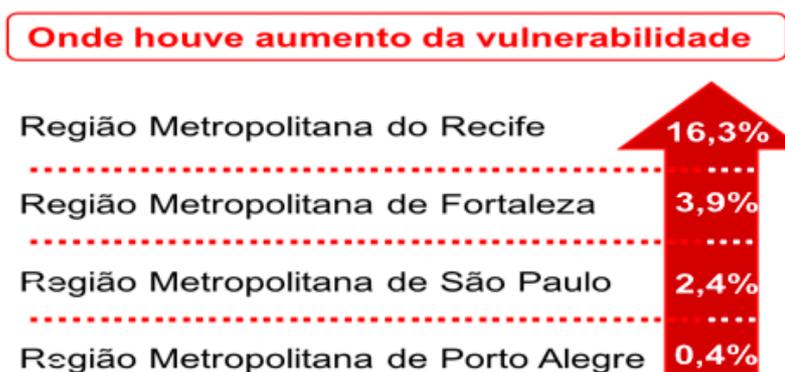
Figura 16: Os indicadores utilizados para calcular o IVS, distribuído em três campos.

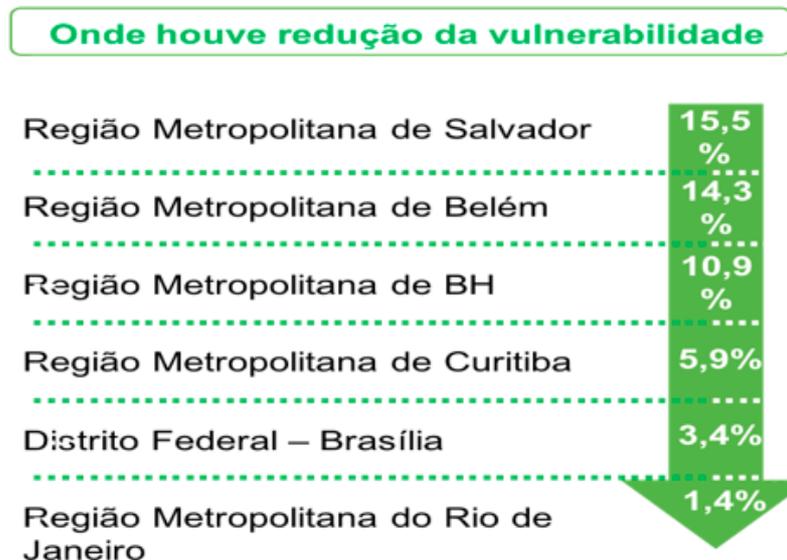
Infraestrutura urbana	
1	Coleta de lixo
2	Água e esgoto inadequados
3	Tempo de deslocamento casa-trabalho
Capital humano	
1	Mortalidade infantil
2	Criança de 0 a 5 anos fora da escola
3	Não estudam, não trabalham e baixa renda
4	Crianças de 6 a 14 anos fora da escola
5	Mães jovens (10 a 17 anos)
6	Mãe sem fundamental + filhos até 15 anos
7	Analfabetismo
8	Crianças em domicílio que ninguém tem o fundamental completo
Renda e Trabalho	
1	Renda menor ou igual a R\$ 255,00
2	Baixa renda e dependente de idosos
3	Taxa de desocupação de pessoas com 18 anos ou mais
4	Trabalho infantil
5	Ocupação informal sem ensino fundamental

Fonte: CARVALHO, 2017.

Como resultado da análise realizada pelo IPEA, a Região Metropolitana (RM) do Recife alcançou o pior desempenho no IVS no período de 2011 a 2015, sendo classificada como a única RM de média vulnerabilidade social, enquanto todas as demais foram enquadradas como de baixa ou muito baixa vulnerabilidade social (Figura 17) (CARVALHO, 2017).

Figura 17: Aumento e redução da vulnerabilidade das Regiões Metropolitanas do Brasil.





Fonte: CARVALHO, 2017.

Segundo a Prefeitura do Recife, cerca de mil e duzentas pessoas moram nas ruas da cidade (Figura 18) e são ignoradas pelo restante da população. Esses moradores de rua, residem em caixas de papelão e dormem em cobertores velhos que os são doados, também relatam o frio, a fome e a solidão que vivem, além de serem vítimas de preconceito, pois os transeuntes os confundem com ladrões (KÍRION, 2017).

Figura 18: Estatísticas dos moradores de rua do Recife, Brasil e do mundo.



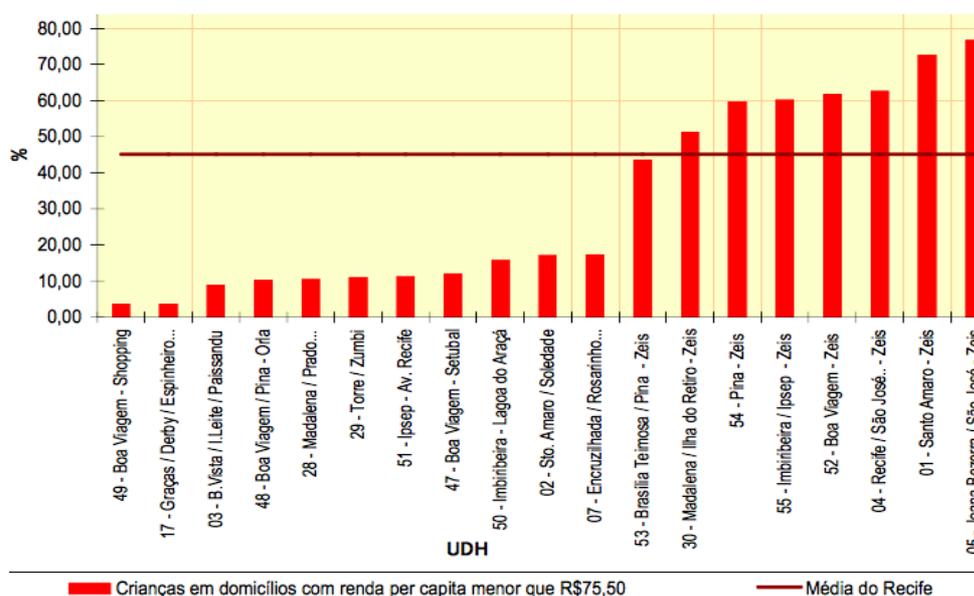
Fonte: KÍRION, 2017.

A invisibilidade social é um reflexo do histórico de desigualdade fortemente presente no Recife. Pochmann (2014) subdividiu a capital pernambucana em 30 áreas. Destas áreas, apenas 7 foram consideradas com baixo índice de exclusão social (POCHMANN, 2014).

Segundo os dados obtidos em pesquisa que considera a longevidade, educação e renda de um município do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (Pnud), Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) e da Fundação João Pinheiro, a capital pernambucana apresenta em uma mesma cidade, áreas com padrões equiparáveis aos altos padrões de desenvolvimento humano da Noruega, bem como aos baixíssimos índices de países localizados no Continente Africano (Jornal do Comércio, 2015). Essa enorme discrepância é confirmada na desigualdade social dos bairros do Recife, enquanto um bairro tem padrões de países ricos europeus, outros os habitantes moram em mocambos ou palafitas, comprovando que a pobreza se representa e é materializada no espaço, mas mesmo assim, é ignorada.

Como já foi visto, a pobreza não é o único fator que impulsiona a exclusão social, porém, entende-se que os desprovidos de recursos, estão em uma situação mais propícia a isso. Logo, uma cidade onde suas crianças e jovens vivem em condições sub-humanas e são vítimas de preconceito e excluídas por isso, tem cada vez menos chance de evoluir sua qualidade de vida. No Recife, os bairros com maior número de crianças em domicílios com renda per capita menor que R\$ 75,00 em 2000 foram os bairros de São José/Joana Bezerra e Santo Amaro (Figura 19) e (ALMEIDA, s.d).

Figura 19: Percentual de crianças em domicílios com renda *per capita* menor que R\$ 75,00.



Fonte: ALMEIDA, s.d

Os bairros de Santo Amaro e Joana Bezerra/ São José, estão localizados no núcleo central da cidade do Recife, e além de um alto percentual de crianças em domicílios com má distribuição de renda, segundo os Índices de Desenvolvimento Humano do Município (IDHM), divulgados em 2005 (Figura 20), também são marcados pelos piores índices de desenvolvimento humano do Recife, se equiparando aos da Mongólia, localizada na Ásia Oriental (ASSIS, 2017).

Figura 20 – Tabela do Atlas do Desenvolvimento Humano no Recife, 2005.

Cód. UDH	Unidade de Desenvolvimento Humano - UDH por classe de valor do IDH 2000	IDHM 1991	IDHM 2000
IDH muito baixo			
41	AREIAS - Zéis: Caçote, Beirinha, J. Uchôa e Rio / Iraque	0,633	0,686
24	NOVA DESCOBERTA - Zéis Casa Amarela	0,621	0,682
46	BARRO - Zéis Tejipió / Pacheco e Vila dos Milagres	0,604	0,668
22	BREJOS: DA GUABIRABA e DE BEBERIBE - Zéis Casa Amarela	0,579	0,663
01	SANTO AMARO - Zéis: Santo Amaro e João de Barros	0,600	0,658
05	ILHA JOANA BEZERRA / SÃO JOSÉ - Zéis Coque	0,568	0,632

Fonte: ASSIS, 2017.

O bairro de Santo Amaro totalizava em 2010, segundo o Censo Demográfico do IBGE, 27.939 habitantes e destes, cerca de 52% das famílias recebem até um salário mínimo por mês, e somente 15% das famílias vivem com dois ou mais salários mínimos mensalmente. O bairro é marcado por um índice de desenvolvimento humano baixo, mas ainda assim dispõe de uma diversidade de serviços públicos e privados, como por exemplo, a Faculdade de Direito, o Hospital do Câncer, a Universidade Católica de Pernambuco e o Shopping Tacurana. Em contrapartida, marcando os contrastes e contradições presentes na cidade do Recife, no mesmo bairro encontra-se extrema pobreza, revelada nas condições de moradia, nos elevados índices de violência e homicídios e na ausência de saneamento básico. Em meio a esse contraste, diante da Ponte de Limoeiro, estão as mulheres do mangue de Santo Amaro, que vivem da venda de sexo barato para financiar o vício e o consumo de drogas (ASSIS, 2017).

Os assentamentos pobres em ambientes tão desfavoráveis, como os mangues e terras alagáveis, contudo, não refletem um processo natural. São resultantes de questões socioeconômicas, que ao longo da história da cidade resultaram na determinação dos lugares ocupados por homens e mulheres mais empobrecidos da sociedade recifense. Segundo matéria do Diário de Pernambuco, do dia 05 de Setembro de 2014, na seção Viver, as experiências das

mulheres usuárias de crack, que se prostituíam nos manguezais de Santo Amaro era um misto de vulnerabilidades e violências, somado à negação de direitos que garantam a dignidade humana. Ainda de acordo com a matéria, as mulheres que circulavam e viviam nos mangues localizados no bairro de Santo Amaro eram na maioria adultas jovens que excluir em situação de rua no próprio núcleo central da cidade do Recife (ASSIS, 2017).

A extrema pobreza expressa no mangue está presente na história da cidade do Recife e a sua invisibilidade também. Castro explicou que a invisibilidade do mangue na década de 60 era devido a negligência do governo. “Por culpa principalmente do governo, que vê tudo isto – toda a pouca vergonha dos ricos e toda a miséria do povo – e finge que não vê” (2007, P.130). O mesmo autor também relata a única intervenção do governo no manguezal, sendo tomada com a única finalidade de preservar e valorizar a beleza do Recife.

E foi por isso, na defesa da sua estética ameaçada, que o governador do Estado deu início a uma grande campanha contra os mocambos. Contra esta lepra urbana que ameaçava recobrir toda a beleza senhorial da capital do Nordeste, toda a casta e fina nobreza dos seus antigos solares, com estes sórdidos borrões de miséria. Mas nesta campanha contra os mocambos, o governador não procurou analisar onde se assentavam as verdadeiras raízes do mal. Pensava que estas raízes estavam fincadas ali mesmo na lama dos mangues e que bastaria arrebentar estas raízes para que viesse a desaparecer a vegetação braba dos mocambos (CASTRO, 2007, P. 106).

Para Sousa em seu livro “Do mocambo à favela”, o poder público tem geralmente tomado de grande negligência em relação aos problemas de infraestrutura dos aglomerados pobres espontâneos, que por sua natureza, são de sua responsabilidade resolver (Do mocambo à favela, P.51).

Em meio a uma cidade de grandes negócios, que expande suas dimensões materiais e simbólicas para responder às demandas do mercado e do lucro, coexistem contextos que divergem da lógica “glamorosa” do capital. Estamos nos referindo ao Recife, a “Veneza Brasileira”, que descortina em suas paisagens profundas desigualdades historicamente construídas. Em seu coração encontramos mulheres em mangues, utilizando seus corpos como mercadoria barata, para lhes permitir consumir o crack. [...] Um grupo de mulheres, muitas vezes invisibilizadas no cotidiano da cidade. Esse grupo é também reflexo dos motores do grande capital que expande riquezas e pobreza que coexistem lado a lado (ASSIS, 2017).

A desigualdade social da cidade do Recife tornou a situação vivida no “Chupa-chupa”, propícia para a exclusão social. O bairro onde está locado o mangue, como já foi visto, também é um espaço de muita desigualdade e problemas. Enquanto parcela do bairro de Santo Amaro vive em um alto padrão de vida, a nobreza, outra parte, como exemplo estas mulheres, vivem dentro do mangue em casas improvisadas com pedaços de papelão, onde vivem, fazem o uso de crack e se prostituem para custear as drogas. Além dos fatores influenciados pela desigualdade fortemente presente na cidade do Recife, as mulheres do mangue de Santo Amaro são, na maioria, além de prostitutas, também são negras e pobres, as características principais para torna-las alvo da exclusão social de forma extrema e dessa forma, se tornarem invisíveis perante a sociedade.

CAPÍTULO IV

AS MULHERES DO MANGUE DE SANTO AMARO

Neste capítulo será aprofundado sobre quem são e a vida das mulheres do mangue de Santo Amaro, os fatores que influenciaram as referidas mulheres a irem para o mangue e sua relação com o mesmo e uma análise do local “chupa-chupa” como resultado das visitas em campo. Além da compilação dos dados das entrevistas com a supervisora técnica e técnicos sociais do Programa Atitude da Secretaria Executiva de políticas sobre Drogas (SEPOD) do Governo do Estado, e dos questionários com a população, visando comprovar a invisibilidade das mesmas perante o Estado e a sociedade.

4.1 Mulheres do mangue: A vida e o crack no mangue de Santo Amaro

O mangue de Santo Amaro é ocupado por mulheres, também conhecidas como mulheres caranguejo, de todas as idades que abordam os transeuntes para programas que custam entre cinco e dez reais, menos de um décimo do cobrado em áreas nobres da cidade, para comprarem drogas (RANGEL, 2017). Vivem com os pés na lama, passam fome e dividem espaço com os caranguejos, mostrando que a situação social relatada por Castro (1966, e 2007), mantém-se viva na atualidade.

A maioria dessas mulheres moram nos manguezais de Santo Amaro em construções feitas de papelão e pedaços de madeira entre as vegetações, porém, também há aquelas que moram em outros bairros do Recife e se deslocam até o mangue para se prostituir e usar drogas (RANGEL, 2016). Esta área do mangue em que elas vivem e se prostituem é popularmente conhecido como “Chupa-Chupa” (ASSIS, 2017).

O nome “Chupa-chupa” já diz tudo, mulé. É boquete mesmo. Tudo rapidinho pra ninguém olhar. [...] Eu não sei quando apareceu o nome, não. Eu sei que todo mundo chamava lá de chupódromo, porque antigamente ia uns povo lá chupar mesmo, nem precisava ser puta (RUTH, 27 anos) (ASSIS, 2017).

Em uma área de extrema periculosidade dentro do mangue, encontra-se um influente tráfico de drogas. Segundo o depoimento das mulheres caranguejo no documentário do programa jornalístico de TV Repórter Record, o vício das drogas é o motivo pelo qual estas mulheres se submetem a condições sub-humanas. Segundo o psiquiatra Ronaldo Laranjeira, diretor do Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia para Políticas Públicas do Álcool e outras Drogas (INPAD), a área abordada já deve ser considerada como uma “Cracolândia”, termo utilizado para definir áreas onde o tráfico possui usuários e já se mantém forte e influente. No mangue quem regulamenta as regras de convívio entre os moradores e clientes são os traficantes (RANGEL, 2016).

As dívidas com o tráfico de drogas e constituem como um eterno ciclo. Sempre estão em situação de dívida e buscam saná-las. Para isso, é preciso buscar homens com interesses em utilizar das práticas sexuais ofertadas. Algumas chamam atenção mostrando partes do corpo, outras buscam chamá-los a partir de outras estratégias. Mas, muitos são atraídos também por outros usuários e pequenos traficantes locais. Estes cobram pelos programas que conseguem facilitar para as mulheres. Dessa forma, é importante frisar que, por vezes, para consumir “uma pedra de crack” é preciso executar vários “programas”, pois, além dos valores baixos cobrados, muitas vezes precisam pagar aos homens que mediam a relação entre elas e os clientes (ASSIS, 2017).

As mulheres relataram ao programa jornalístico de TV que quando se prostituem sob o efeito de drogas, não se previnem, se tornando suscetíveis a contaminação com doenças sexualmente transmissíveis ou a gravidez. Quando engravidam, elas permanecem se prostituindo e se drogando durante toda a gestação. Após o nascimento, algum parente tornar-se responsável pela criança e elas permanecem no mangue. Não há relatos de crianças geradas pelos programas vivendo com as mães no manguezal (RANGEL, 2016).

Algumas das mulheres do mangue chegam à área quando ainda são menores de idade. No documentário do programa Repórter Record, uma das mulheres confessou não ter completado a maior idade e que atende cerca de vinte clientes por dia para conseguir o dinheiro que irá financiar o uso de drogas (RANGEL, 2016).

Além de viver em condições sub-humanas, elas ainda sofrem agressões de alguns clientes. Há relatos de mulheres que foram espancadas, esfaqueadas e até mesmo jogadas de carro em movimento (TEXEIRA, 2014).

As mulheres do “Chupa-chupa” recebem apoio de voluntários para alimentação, mas ainda assim, é preciso políticas públicas eficazes para o problema ser solucionado. Em 2016 foi instituída pela Prefeitura do Recife, uma Secretaria de Enfrentamento ao Crack e outras drogas visando combater esse problema. A secretaria relatou ter conhecimento da necessidade de unir diversas áreas do Governo e Prefeitura para atuarem na região por tratar-se de uma questão de segurança, de reurbanização da área e de saúde. Porém nada foi solucionado ou minorado (RANGEL, 2016).

Assis (2017) em pesquisa para sua dissertação de mestrado na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) que tinha como objeto as mulheres do mangue de Santo Amaro, documentou o depoimento de oito destas mulheres no período de dezembro de 2016 a março 2017 em sua pesquisa de campo (Figura 21). As mulheres relataram a vida no mangue, porque saíram de suas casas e porque escolheram o mangue Santo Amaro como local de residência e prostituição.

Figura 21: Relação das mulheres entrevistadas.

DEPOIMENTOS DAS MULHERES DO MANGUE DE SANTO AMARO					
NOME	IDADE	NATURALIDADE	ESCOLARIDADE	COR	VIVÊNCIA NA PROSTITUIÇÃO
ROSA	32	Recife	Não alfabetizada	Branca	16 anos
MARISA	23	Recife	Estudou até a 7ª série	Morena	7 anos
LUANE	26	Recife	Estudou até a 8ª série	Negra	5 anos
CLARICE	25	Igarassu	Estudou até a 1ª série	Negra	12 anos
MORGANA	41	Recife	Estudou até a 1ª série	Negra	Mais de 25 anos
RUTH	27	Recife	Estudou até a 8ª série	Morena	14 anos
IRIS	35	Paulista	Não alfabetizada	Morena	17 anos
ROBERTA	29	Recife	Estudou até a 5ª série	Preta	11 anos

Fonte: ASSIS, 2017 (Planilha feita pela autora).

Com base nas mulheres entrevistadas, pode-se analisar alguns fatores como: a maioria está entre 20 e 30 anos, tem o nível de escolaridade de até o Ensino Fundamental, são na maioria morenas ou negras, a maioria se prostitui a mais de uma década e são naturais da Região Metropolitana do Recife.

Além disso, vale ressaltar a semelhança quando relatam suas histórias da infância. Em todos os casos, há um histórico de violência física e/ou sexual pelos pais/companheiros dos pais e ao chegar a vida adulta, sofrem da mesma violência mas desta vez, são vítimas dos próprios companheiros, que na maioria dos relatos, trabalham no tráfico de drogas (Figura 22). Outro dado obtido através dos depoimentos das entrevistadas do “Chupa-Chupa” é que o primeiro contato delas com as drogas aconteceu no ambiente doméstico com suas famílias, e a primeira droga foi o álcool.

Figura 22: Dados das entrevistas com as mulheres do “Chupa-Chupa”.

DEPOIMENTOS DAS MULHERES DO MANGUE DE SANTO AMARO				
NOME	VALORES COBRADOS	FAZ USO DE DROGA? QUAL?	FILHOS	SOFRIA VIOLÊNCIA FÍSICA EM CASA PELOS PAIS OU PELO COMPANHEIRO?
ROSA	De R\$ 5,00 a R\$ 50,00	Crack/ álcool/ cola	3	SIM
MARISA	De R\$ 5,00 a R\$ 80,00	Crack/ álcool	Não	SIM
LUANE	De R\$ 5,00 a R\$ 50,00	Crack	2	SIM
CLARICE	De R\$ 5,00 a R\$ 50,00	Crack/ álcool	2	SIM
MORGANA	De R\$ 5,00 a R\$ 50,00	Crack	3	SIM
RUTH	De R\$ 10,00 a R\$ 70,00	Crack	Não	SIM
IRIS	De R\$ 20,00 a R\$ 100,00	Crack/ álcool	4	SIM
ROBERTA	De R\$ 5,00 a R\$ 70,00	Crack/ cola	2	SIM

Fonte: ASSIS, 2017 (Planilha feita pela autora).

Todo mundo lá em casa bebia e fumava. Foi assim que eu conheci essas desgraça [álcool e tabaco]. Quando meu pai tava em casa só vivia cheio de cachaça. Chegava da rua com as raparigas e metia o cacete em todo mundo (MORGANA, 41 anos) (ASSIS, 2017).

Meu pai bebia muito e minha mãe separava por que ele chegava e batia na gente. Ele saía e voltava. Dizia que ia mudar, entrava na igreja, mas não dava uma semana não. Começava beber e começava tudo de novo [...]. uma vez chegou a puxar uma faca pra ela. Ai, meu irmão mais velho foi pra cima. Foi uma desgraça só (CLARICE, 25 anos) (ASSIS, 2017).

As mulheres do “chupa-chupa” relataram que fugiram da violência que sofriam em casa e por isso foram morar nas ruas. Ao fugir, já envolvidas com drogas, procuraram na prostituição o meio de custear o vício. Com o uso prolongado do crack, os corpos destas mulheres sofreram modificações, como por exemplo, perda de dentes, mãos, dedos e bocas acinzentadas devido as queimaduras do preparo e

consumo da substância, a pele sem o brilho, as roupas ficaram sujas e acinzentadas, os pés, mãos e cabelos manchados da lama. Além do odor ocasionado pelos diversos dias sem banho (ASSIS, 2017).

As mulheres entrevistadas, antes de chegarem ao “Chupa-chupa”, já vivenciavam, o contexto da venda do sexo em troca de dinheiro ou outros bens. Boa Viagem, Afogados, Chão de Estrelas, Imbiribeira, Cais de Santa Rita, Praça da Independência, Avenida Caxangá e Nova Descoberta foram alguns dos locais referenciados como sendo frequentado para a prática da prostituição, antes de conhecerem o “Chupa-chupa” (ASSIS, 2017).

Com o consumo da droga elas adquiriram novas características físicas, fazendo com que elas não mais se enquadrem no padrão de corpo e beleza aceitos socialmente. Com isso, para conseguir se prostituir e continuar fazendo o uso do crack, as mulheres “chupa-chupa” relataram que foram para o mangue de Santo Amaro atraídas pelas promessas de melhor acesso à substância com o tráfico e por ser local reconhecido como de prostitutas baratas que sempre há clientes a procura de sexo (ASSIS, 2017). “Viver na rua e sendo puta crackeira é luta todo dia. Se a gente dorme na frente de uma loja, vem o povo e xinga, cospe, manda sair. Ninguém quer ver a gente [...] Por isso vivo ali (“Chupa-chupa”), só ali que eu fico mesmo (ROSA, 32)” (ASSIS, 2017).

Eu já fui de outro jeito... Era bonita, cabelo lindo, corpo bem definido. Os caras me pagavam mais. Era um sucesso, sabe?! Aí comecei nessa droga e tudo virou de perna pro ar. Não vou mentir, não... Lá a gente cobra cinco, dez, sete reais pra transar. Às vezes pagam isso pra tudo... Tudo mesmo... Boca, cu e buceta! Sabe um picolé? Um picolé bonzinho, gostoso e bom... Tu num compra por menos de cinco reais não, pô! Só que lá no “Chupa-chupa”... Os homem transa com nós por menos que um picolé bonzinho... Imagina como eu fico quando penso nessas coisas. Eu me sinto uma merda... A gente vive na merda. [...] É horrível se trocar por cinco conto. Tem mulé que se troca por uma pedra de crack! É pior ainda, num é? (LUANE, 26 anos) (ASSIS, 2017).

Em visita ao Centro de acolhimento e apoio, um dos equipamentos que compõem o Programa Atitude, um Programa do Governo do Estado de Pernambuco coordenado pela Secretaria de Desenvolvimento Social, Criança e Juventude (SDSCJ), por meio

da Secretaria Executiva de políticas Sobre Drogas (SEPOD) que visa proporcionar proteção aos usuários de drogas vítimas de violência, acolher e oferecer cuidados básicos, foi possível entrevistar uma das mulheres do mangue de Santo Amaro (APÊNDICE D).

Semelhante ao que foi observado por Assis (2017), nesta entrevista, a mulher do mangue também relatou um histórico familiar de abandono. Natural de São Paulo, aos cinco anos de idade a mãe biológica a entregou para uma familiar conhecida trazê-la para Recife e cria-la. Aos 12 anos sua mãe de criação veio ao óbito e sem ninguém para dar apoio, sem família e sofrendo com isso, foi procurar nas drogas o consolo. Através de outra usuária de drogas que ela conhecia, recebeu a indicação para ir em Santo Amaro fazer a compra e o consumo do crack escondida dentro do mangue. Em 2012, com 18 anos, chegou no “chupa-chupa”, tomou conhecimento do serviço de venda de sexo barato para custear o vício, se interessou e ficou.

A entrevistada contou que ao chegar no manguezal de Santo Amaro, foi intimidada e ameaçada pelas moradoras fixas e por medo, começou se prostituindo na Avenida Arthur Lima Cavalcanti, um pouco distante das outras e do mangue. Com o passar do tempo, as moradoras passaram a conhece-la melhor, ganhar a confiança e com isso, ela pôde ter acesso e morar dentro do mangue. No “chupa-chupa” ela se prostitui, faz o uso do crack, se alimenta, lava suas roupas no rio, toma banho por trás do Cemitério dos ingleses e já chegou a vender drogas. Também relatou que a maioria das mulheres são de Santo Amaro e que dormem todas juntas em um grande colchão de casal, dentro do mangue ou em casas feitas com pedaços de papelão.

Quando questionada sobre a presença de policiamento no entorno, ela expôs que já houve diversas tentativas agressivas de retirar elas do mangue. A entrevistada presenciou policiais entrando na área também para roubar as drogas das mulheres e caso não gostem da qualidade do produto, as agridem e avisa para sempre comprarem crack de boa qualidade. Segundo a entrevistada, a violência também vem dos clientes.

Também contou que se sente escrava da droga, uma vez que faz programas a partir de dois reais para trocar por droga, e afirma que as demais moradoras do mangue, em média onze mulheres fixas, alguns travestis e muitas que passam apenas o dia

para se prostituir, compartilham do mesmo sentimento. Ela relatou que enxerga o uso sem controle do crack como uma doença e possui uma imensa vontade de tratar-se e que as demais moças sentem o mesmo, mas que a droga as prende na situação em que estão. Ela também relatou que não se recorda da presença de crianças para se prostituir, apenas três meninos que a avó materna leva para brincar com a mãe que mora no “chupa-chupa” e as crianças que vão ao mangue para andar a cavalo.

Embora a entrevistada tenha relatado que o programa Atitude visite o mangue para distribuir água, preservativos e levá-las para medicar-se das doenças que se contaminaram com os programas sexuais sem proteção, ela acredita que as mulheres precisam de mais programas de assistência social e mais atividades que as motivem e apoiem para ajuda-las com o vício. Ela acredita que a prefeitura precisa ofertar cursos ou opções de lazer que as ocupem e as distanciem das drogas.

4.2 Fluxo de pessoas no “chupa-chupa”

Foram realizadas cinco visitas no entorno, uma vez que a alta periculosidade dificultaram pesquisas in loco e pelo relatado por Assis (2017) em pesquisa para sua dissertação de mestrado na UFPE, foi possível analisar a invisibilidade das mulheres e o local “Chupa-chupa”. Em uma das visitas, foi possível registrar algumas fotografias (Figura 23 a 29), porém, ao notarem, os moradores foram agressivos, gritaram ofensas e um chegou a perseguir o carro de bicicleta. A poucos metros da ponte de Limoeiro (Figura 23), às margens do mangue de Santo Amaro (Figura 24 e 25), encontra-se a Avenida Arthur Lima Cavalcanti (Figura 26), via que atualmente, entre a maré e a pista de asfalto, circulam carros e algumas pessoas em busca da oferta de sexo e drogas, o que não nos autoriza a afirmar que todos que circulam pelo local passem por lá com este intuito ou que tenham conhecimento que nesta paisagem cartão postal do Recife é cenário de tal problema.

Figura 23: Ponte de Limoeiro.



Fonte: Foto da autora, 2018.

Figura 24: Ponte de Limoeiro e o mangue de Santo Amaro.



Fonte: Foto da autora, 2018.

Figura 25: Mangue de Santo Amaro visto da ponte de Limoeiro.



Fonte: Foto da Autora, 2018.

Figura 26: O “chupa-chupa” e a Avenida Arthur Lima Cavalcanti.



Fonte: Foto da autora, 2018.

Nessa avenida estão estabelecidos diversos grupos com fronteiras que estão em constante movimento. Grupos de jovens formados por traficantes; homens usuários de crack; mulheres e travestis se prostituindo, consumindo e/ou vendendo drogas; homens à procura de sexo, drogas e prazer; crianças acompanhadas de seus pais em situação de rua; pescadores, serviços de assistência; polícia etc. Esses são alguns grupos que foram visualizados no cotidiano da pesquisa [...] Sendo assim, o “Chupa-chupa” é representado por sujeitos que demarcam a miséria na paisagem da cidade. É um espaço elaborado nos limiares da sobrevivência pelos mais pobres, dentre os marcados pela miséria. Contudo, não podemos perder de vista que a invenção da miséria é, antes de tudo, determinada por um modelo de produção que fomenta contrastes e contradições, nas condições materiais e imateriais dos indivíduos e coletividades. (ASSIS, 2017).

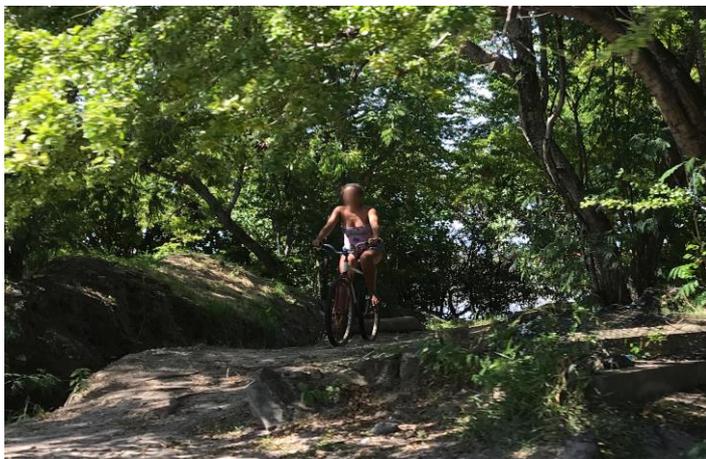
Com as visitas ao local, foi possível notar o fluxo leve de pessoas transitando nas calçadas da Avenida Arthur Lima Cavalcanti. Embora não tenha um grande fluxo de pessoas, as mulheres do mangue foram facilmente vistas e em menos de cinco minutos na área, foi possível identificar duas delas saindo do mangue, sendo uma andando a pé (Figura 27) e outra grávida em uma bicicleta (Figura 28), e uma travesti andando pela calçada esperando por mais um programa (Figura 29).

Figura 27: Moradora do “Chupa-chupa” saindo do mangue.



Fonte: Foto da autora, 2018.

Figura 28: Moradora grávida do mangue de Santo Amaro.



Fonte: Foto da autora, 2018.

Figura 29: Travesti transitando na calçada do “chupa-chupa”.



Fonte: Foto da autora, 2018.

Além das mulheres caranguejo e seus clientes, o local é altamente frequentado por traficantes de drogas e usuários. Tornando assim, o espaço em um ambiente voltado para uso e venda de drogas. O tráfico comanda a área e determina as políticas de boa convivência, mas também regula da maneira que julgar correto e como prova disso, algumas mulheres relataram ter encontrado cadáveres as margens do mangue (TEXEIRA, 2014).

Segundo Assis (2017) durante as visitas ao local, contou cerca de trinta mulheres transitando entre a faixa de manguezais e toda a extensão da avenida. Ao decorrer dos dias de visita, o cenário foi se alterando devido as intervenções das Forças Armadas nas ruas do Recife que acabaram influenciando na dinâmica de prostituição e no consumo de drogas no local.

Em um dia “comum”, portanto, é possível visualizar vários grupos espalhados pela parcela de asfalto que configura a avenida. Embora as atividades ocorram durante todo o dia, é no entardecer que as mulheres se aglomeram, saem dos becos em busca de clientes. A atividade sexual acontece em qualquer lugar disponível, que esteja minimamente longe dos olhares curiosos. Contudo, a privacidade não consegue ser garantida nas condições postas. As árvores encostadas nos muros, alguns becos com papelões ou colchões servem como pontos de apoio para a prática sexual, que deve ser a mais breve possível. O manguezal é utilizado também com esse objetivo. Para algumas mulheres, mesmo sendo inseguro, torna-se o melhor esconderijo para o sexo, bem como para qualquer prática ilícita (consumo de drogas, furtos, violências). Para algumas, a permanência nos manguezais está associada à capacidade do ambiente fornecer esconderijos para práticas consideradas ilegais e imorais (ASSIS, 2017).

O “Chupa-chupa” é um esconderijo ideal para os programas de venda de sexo, uma vez, que entre a vegetação e o lixo, os transeuntes circulam e nem sempre vêem o que acontece entre a lama, as mulheres e os clientes. Porém, embora as mulheres e/ou os clientes busquem se relacionar escondido da sociedade e de policiais, nem sempre isso acontece de maneira escondida, devido a pressa para terminarem a relação sexual e irem pagar e fazer uso de drogas, alguns programas acontecem ao alcance de quem circula nas ruas (ASSIS, 2017). Supõe que a invisibilidade delas, trate-se da mesma situação em que a população busca “fechar os olhos” para o que acontece aos excluídos, uma vez, que órgãos públicos estão localizados no raio de até 500m de distância do mangue de Santo Amaro (Figura 30) e segundo Melo (2012),

alguns policiais também fazem uso do serviço de sexo pago oferecido pelas mulheres do mangue.

Figura 30: Ponte de Limoeiro e o prédio da Prefeitura do Recife.



Fonte: Foto da autora, 2018.

4.3 O Estado e as mulheres do mangue

No documentário do programa Repórter Record, já mencionado no capítulo I, onde foi despertado o interesse e conhecimento de alguns sobre essas mulheres, a Presidente da Comissão de Direitos Humanos da Câmara do Recife, Aline Mariano, propôs uma audiência pública para discutir os aspectos sociais, ambientais e econômicos do mangue de Santo Amaro. Na audiência, foram discutidas as problemáticas da área, mas, ainda assim, nada foi minorado.

Em meio à lama típica do manguezal está o retrato de uma degradação que já deixou de ser apenas ambiental e passou a ser humana. Além de ser um ambiente tomado pelo lixo, a prostituição muitas vezes pratica por jovens que não chegaram à maioridade, e o tráfico de drogas se tornaram as principais vocações econômicas do local disse Aline (MELO, 2017).

Para Mariano, a área que está esquecida pelo poder público “é um reflexo dos problemas sociais, ambientais e econômicos que assombram o Recife” (MARIANO,

2014). Este encontro teve como intuito, mudar a situação de descaso da área de manguezal do bairro de Santo Amaro, visando assim, a elaboração de projetos de prevenção e combate aos crimes que são cometidos no local em parceria com a Prefeitura do Recife e o Governo do Estado. A Empresa de Urbanização do Recife (URB), por exemplo, assumiu o compromisso de limpeza do mangue com a operação Cata-tralha, como parte do projeto de requalificação da área, porém, como resultado das visitas em campo, foi visto que a área continua ocupada também pelo lixo (MELO, 2017).

Além das informações publicadas no site oficial da Prefeitura do Recife sobre o interesse de Aline Marino em criar soluções para minorar as problemáticas da área, entrevistas foram realizadas com a equipe do Programa Atitude visando coletar mais informações sobre as ações do Estado para com as mulheres do mangue de Santo Amaro. Este programa é financiado pelo Governo do Estado e é composto por quatro equipamentos, que são, primeiro o Centro de Acolhimento e Apoio, onde recebem os usuários de drogas em situação de risco, violentados e sem dormir para proteger, acolher e oferecer cuidados básicos para os que forem passar o dia (diarista) ou os que ficam em tempo integral (pernoites). Neste Centro, são elaborados para cada usuário, um Plano Individual de Atendimento (PIA), onde são abordados os seguintes eixos: moradia, as pendências judiciais, a saúde e um resgate com os laços familiares. Após um período, os pernoitistas, são encaminhados para o segundo equipamento, o Centro de Acolhimento Intensivo, onde o PIA que foi iniciado na Casa de Apoio será efetivado.

O terceiro equipamento trata-se de uma equipe móvel, chamada de Atitude nas Ruas (ANR), onde territórios da cidade, com maior índice de violência causada devido as drogas, são previamente escolhidos em parceria com o SEPOD. Para a escolha das áreas é considerado o Índice de Mortes realizado pela Polícia Civil e em Recife, as áreas abrangidas pelo programa são: Peixinhos, Frágoso, Boa Viagem, Pina, São José e a Ponte de Limoeiro, onde se encontra o “Chupa-chupa”. O bairro de Santo Amaro fazia parte dos territórios do ANR, porém, segundo a Polícia Civil, os índices do bairro diminuíram e não se faz necessário que este bairros componha as áreas que são assistidas pelo programa. Apenas a Ponte de Limoeiro

permaneceu, devido ao altíssimo nível de vulnerabilidade encontrado no mangue de Santo Amaro.

O último equipamento é o “Aluguel Social”. Neste, o governo custeia uma moradia temporária para os usuários que concluírem as metas traçadas no PIA não voltem as ruas, se mantenham longe das drogas e dessa forma, consigam ser reinseridos na sociedade e no mercado de trabalho.

Para este trabalho, foram entrevistadas três pessoas do Programa Atitude (APÊNDICE A), sendo uma, Marcela Rangel, psicóloga e a supervisora técnica do programa; e duas pessoas que compõem a equipe do Atitude nas Ruas, Maria do Carmo Soares, educadora social e Alexandro Marcos, técnico social e psicólogo do ANR. As entrevistas foram realizadas no primeiro equipamento do Atitude, na Casa de Acolhimento e Apoio.

Ao início da entrevista, Maria do Carmo foi questionada sobre o conhecimento do termo “mulher caranguejo” e embora ela tenha relatado que conhecia, explicou que o programa não beneficiou as mulheres, foi ofensivo e que a realidade é ainda pior e mais complexa do que a exposta por Texeira (2014). A supervisora compartilhou do mesmo sentimento. Acredita que a reportagem foi depreciativa e negativa às mulheres, criando uma nomenclatura que para elas, aumenta o preconceito e as ofende. Inclusive, citou como o jornalista as descreveu praticamente como animais, ao dizer que o mangue “é abrigo de uma ‘quase espécie’, a ‘mulher caranguejo” (TEXEIRA, 2014), e que dessa forma, ele esquece que tratam-se de mulheres que sofrem, precisam de ajuda e procuram ajuda no Atitude.

A situação de tráfico e prostituição no Mangue chegou ao Programa Atitude através de um morador do bairro, chamado Saint Clair, que viu o grande movimento e relatou a situação ao Programa Atitude que em parceria ao Governo do Estado, desde 2012 atua no local.

Para Maria e Alexandro, que trabalham e tem contato direto com as mulheres do mangue de Santo Amaro, a área foi escolhida pelas mulheres, trans e adolescentes devido a facilidade de conseguir prostituir-se e fazer o uso de drogas entre o manguezal com descrição, além da oferta de clientes na Avenida com maior fluxo de

carros e poucos transeuntes. Neste contexto, embora não saibam explicar como e quando começou a ocupação, o tráfico e a prostituição estão conectados e foram os fatores influenciadores para isso.

De acordo com a equipe do ANR, não é possível informar um quantitativo fixo das mulheres do mangue, uma vez que a quantidade muda de acordo com o horário, com o dia e algumas vão apenas para se prostituir e não moram no mangue. Porém, Alexandre relatou que de acordo com o último levantamento realizado pela Secretária de Planejamento e Gestão (SEPLAG) da Prefeitura do Recife, foram contabilizadas setenta e cinco pessoas entre as mulheres CIS e transexuais do mangue, mas ainda assim, ele não acredita que seja um número real, pois a depender do dia ou horário, é possível ver o manguezal de Santo Amaro com um número ainda maior.

Segundo a equipe, o mangue é ocupado por mulheres, transexuais e adolescentes. Também foi relatada a presença de jovens entre 14 e 15 anos de idade na área, e embora o programa só acolha maiores de idade, as adolescentes recebem o apoio através do ANR com acompanhamento psicológico no local. Crianças já foram vistas entre as mulheres, mas não para prostituir-se e usar drogas, apenas porque alguma das moradoras do mangue engravidam e decidem criar os filhos no “Chupa-chupa”. Essa situação é rara, pois a maioria das crianças fruto da prostituição no mangue são entregues às famílias ou à adoção. O que tem preocupado a equipe é a enorme quantidade de grávidas no mangue o que acontecerá com essas crianças se forem criadas entre o tráfico e a prostituição.

Para estabelecer mais suporte e apoio as mulheres do mangue, o Programa Atitude que é referência internacional em assistência social, trabalha em parceria com outros projetos de apoio como o distrito sanitário, que são os postos de saúde e os Centros de Atenção Psicossocial (CAPS) que tratam dos casos relacionados à saúde mental e ao uso de drogas. Para controlar e organizar o que vem sendo realizado para as referidas mulheres, estes programas se encontram em reuniões periódicas na Prefeitura do Recife, visando uma maior eficácia no atendimento e assistência.

Para os entrevistados, as moradoras do mangue de Santo Amaro vem de um histórico de desestrutura familiar, abandono e violência doméstica, que as fizeram fugir da situação de perigo encontrada em casa com suas famílias e procurar nas ruas e nas drogas o refúgio para seus problemas. Muitas delas procurando no Atitude abrigo e quase sempre apresentam a vontade de mudar o estilo de vida, estas, quando há vagas, são encaminhadas diretamente ao Centro de Acolhimento Intensivo de Mulheres, que as acolhe até quando estão grávidas e é o único centro do Norte-Nordeste que permite que a usuária busque tratamento acompanhada de seu filho por acreditar na capacidade delas cuidarem dos próprios filhos uma vez que estejam tratadas e longe das drogas.

É importante destacar o resultado do estudo redigido pelo coordenador do Laboratório de Estudos e Pesquisas em Saúde Mental e Atenção Psicossocial (LAPS/ENSP) e pesquisador da Escola, Paulo Amarante, para o Centro Brasileiro de Estudos da Saúde (CEBES), que foi publicado recentemente pelos Ministérios da Justiça e da Saúde, em setembro de 2013. O estudo revelou que 78,9% dos usuários da droga desejam se tratar e o problema está no baixo o acesso deles aos serviços disponíveis, como postos e centros de saúde; unidades que fornecem alimentação gratuita ou instituições que fazem acolhimento e os centros de Referência de Assistência Social (CRAS) (Fiocruz, 2013).

Esse resultado nos permite esclarecer a inverdade que o usuário não quer se tratar. Além do estudo, a experiência de Marcela Rangel expôs a vontade da maioria das mulheres em buscar tratamento e que o problema está na falta de investimento público. A supervisora do Atitude explicou que elas recebem os cuidados e assistência, mas a falta de investimento fez o programa ser encolhido, a equipe reduzida, alguns programas foram fechados, quantidade de vagas tornam-se poucas e a casa de apoio é pequena e com pouca infraestrutura para receber estas pessoas. Muitas vezes elas procuram a casa de apoio e não há vagas, no dia da entrevista por exemplo, o centro que tem capacidade de receber até trinta pessoas, estava com trinta e sete. Faz-se preciso ampliar o programa e investir nos outros de apoio também, uma vez que cuidar das mulheres que procuram ajuda é dever do Estado.

Embora algumas mulheres após o tratamento regressem ao mangue, devido a uma relação de dependência com a vulnerabilidade, com a violência ou até com a prostituição, como uma espécie de ciclo vicioso, ainda assim, é dever do Estado trata-las quando elas precisarem de ajuda. Outro dado importante é que elas pedem tratamento distante do mangue, por entenderem que se estiverem próximas, o vício as fará voltar.

Pela experiência com estas usuárias, Rangel também expôs que a Polícia invade, agride elas e tentam, a todo custo, uma política de higienização visual, tentando força-las a sair do mangue. O que eles não entendem é que se retirar as mulheres do “chupa-chupa”, elas irão achar outro espaço para dar continuidade ao tráfico e prostituição.

A equipe do Atitude destacou a importância de um investimento maior para solucionar ou minorar a situação das mulheres do mangue de Santo Amaro. Faz-se necessário investir em programas de educação, de saúde e em abrigos. Para Maria do Carmo, precisa-se investir para tratar a violação dos direitos destas mulheres. Entende-se que é preciso um planejamento em conjunto com todos os equipamentos e para Marcela Rangel, a Secretária de Educação precisa de projetos de ensino e reinserção do usuário na sociedade e mercado de trabalho; os Centros de Abrigo precisam ser maiores para receber mais pessoas e com uma boa infraestrutura para recebe-los com conforto; a rede de saúde precisa de mais postos de saúde e preparar melhor seus funcionários, pois a maioria tem medo de atender estas mulheres.

Embora tenha sido exposto que se faz necessário um maior investimento do Estado, também foi visto que no mesmo bairro do Centro de Acolhimento e Apoio, a prefeitura paga o aluguel e o segurança de um imóvel que era ocupado pelo Centro de Referência Especializado para População em Situação de Rua (Centro POP) e atualmente é um espaço ocioso, ou seja, há verba, só não está sendo aplicada corretamente, pois enquanto o aluguel está sendo pago em um espaço sem uso, há pessoas na rua procurando abrigo, inclusive, enquanto estava no Centro de Apoio do Atitude, ele estava lotado e sem conseguir abrigar mais pessoas. Além disso, outra situação de descaso com as referidas mulheres, em que perante os projetos do Estado elas estão invisíveis, é referente ao projeto de revitalização da Vila Naval,

uma proposta da Prefeitura do Recife de revitalização de uma extensa área no mesmo bairro em que está o “Chupa-chupa”. Nesta proposta, o espaço de revitalização está muito próximo do mangue de Santo Amaro e a prefeitura não as englobou no projeto, o que poderia minorar ou solucionar a situação em que elas vivem, mas que ficaram invisíveis aos órgãos públicos e às análises de impacto de um projeto de grande porte que mudará toda a dinâmica do bairro.

4.3.1 Projeto de Revitalização da Villa Naval

Próximo ao mangue de Santo Amaro, tem sido discutido o projeto de revitalização para a Vila Naval (Figura 31 e 32), um projeto que pretende demolir 155 casas da década de 1930 da antiga Vila das Costureiras, da extinta Fábrica Tacaruna, que passou às mãos da Marinha, por decreto, em 1951. Uma parceria da marinha e da Prefeitura do Recife que visa construir sete lotes, sendo um para os imóveis da Marinha, cinco passíveis de construção e um com edificações que terão de dar espaço a uma área verde de uso público com, no mínimo, 6 mil metros quadrados e visibilidade ao Hospital de Santo Amaro. Em outro, à margem do Rio Beberibe, será implantado um parque linear (MARGARETTE, 2017).

Figura 31: Perspectiva do projeto de revitalização da Vila Naval.



Fonte: Diário de Pernambuco, 2017.

Figura 32: Maquete eletrônica da proposta da revitalização da Vila Naval.



Fonte: Margarete, 2017.

A proposta de revitalização irá permitir edificações de 12 a 21 pavimentos e até três unidades por quadra. Para uma melhor circulação e integração com a volumetria do bairro, haverá uma variação nos tamanhos das construções. Outra característica do projeto é valorizar o olho d'água do Rio Beberibe que passa pelos fundos da Vila Naval, para isso, as praças irão ser deslocadas para interagirem melhor com o espelho d'água (Diário de Pernambuco, 2017).

O alargamento de mais duas faixas da Avenida Cruz Cabugá também compõe o plano de revitalização, visando implantar ciclovias e passeios arborizados. Dessa forma os passeios e ciclistas passarão interagir harmonicamente com os Parques dos Manguezais, uma zona especial de proteção ambiental pertencente a Marinha do Brasil, que a marinha também propôs ceder ao município a partir da viabilidade da comercialização do terreno dela (Diário de Pernambuco, 2017). Ainda na proposta do projeto, as comunidades do Campo do Onze, da Ilha de Santa Terezinha e de Sítio do Céu serão reordenadas, com projetos para transformar os becos em ruas e com a construção conjuntos habitacionais (COELHO, 2017).

A revitalização da Vila Naval (Figura 32) expõe o descaso da Prefeitura da cidade diante das mulheres caranguejo, uma vez que em nenhum dos estudos prévios de impacto desse projeto de grande porte, foi notada a possibilidade de englobar o mangue de Santo Amaro na revitalização e criar projetos de apoio as mulheres, já que trata-se de um projeto elaborado pela Prefeitura da Cidade. Dessa forma, consegue-se notar que nos dias atuais, a cidade do Recife ainda trás algumas das mesmas problemáticas denunciadas por Josué de Castro no século passado, as

quais a exclusão e a inviabilidade social e espacial ainda se perpetuam no cotidiano da cidade.

Figura 32: Mapa da Vila Naval e o mangue de Sto Amaro.



Fonte: Google Maps editado pela autora em 2017.

Segundo o secretário de Planejamento Urbano, Antônio Alexandre: “O papel da prefeitura é estabelecer um planejamento para que essa reocupação se dê de forma ordenada, garantindo qualidade urbana e a resolução de alguns problemas daquele território” (COELHO, 2017). Embora na teoria, a postura da Prefeitura devesse ser conforme exposto pelo o secretário Antônio Alexandre, segundo a supervisora do Programa Atitude, Marcela Rangel, o Estado ignora alguns problemas da área, como por exemplo, as mulheres do mangue de Santo Amaro, pois o interesse do Estado é apenas aplicar uma “política de higienização”, onde as mulheres seriam retiradas da área como uma forma de “limpar” visualmente o território, expondo assim, o descaso da prefeitura perante as mulheres do “Chupa-chupa”.

4.4 Sociedade e a invisibilidade das mulheres do “Chupa-chupa”

Buscando comprovar a invisibilidade das mulheres do mangue de Santo Amaro perante os moradores do Recife, cento e cinco pessoas, residentes da cidade do Recife de diversas classes sociais, em sua maioria ou estudante ou bacharel em pelo menos um curso de graduação foram questionadas via plataforma digital e pessoalmente (APÊNDICES B e C) sobre invisibilidade social, se frequentam ou transitam o bairro e se tem conhecimento do objeto em estudo, as mulheres caranguejo e dos problemas sociais da cidade.

Inicialmente foi questionado o conhecimento dos entrevistados quanto às áreas de mangue da cidade do Recife e o conhecimento a respeito dos problemas sociais da cidade. Dos entrevistados, mais de 67% informou conhecer as áreas de mangue, porém, em contrapartida, poucos conhecem de fato os problemas sociais da cidade, pois, quando questionados, a maioria das queixas foram a respeito do trânsito, poluição sonora e lixo. “Engarrafamentos esgoto a céu aberto ruas sem calçamento”, respondeu um morador recifense. Com isso, entende-se que o público entrevistado, não tem conhecimento de fato sobre os problemas sociais do Recife.

Quando questionados a respeito do bairro de Santo Amaro, as respostas mais recorrentes foram referentes a segurança do bairro: “Violência, assaltos, falta de segurança pública”; “abandono, violência, cemitério, mercado”; “assalto, desemprego, tráfico de drogas”; “um bairro perigoso”. Ou seja, pelo menos, 90% dos entrevistados associaram o bairro a criminalidade’. Ainda sobre o bairro, mais ou menos 27% não conhecia a Ponte de Limoeiro e da maioria que conheciam, cerca de 20% passa com frequência por ela.

Embora a maior parcela dos entrevistados conheça o bairro e saiba de sua periculosidade, 99% não ouviu falar na nomenclatura “mulher caranguejo” ou no local conhecido como “Chupa-Chupa”. A maioria descreveu como sendo uma mulher que trabalhava e obtinha seu sustento catando caranguejo e marisco no mangue e que “chupa-chupa” deveria ser um doce. Vale ressaltar que apenas três dos cento e cinco entrevistados sabiam de fato quem eram as mulheres do mangue de Santo Amaro e apenas uma pessoa tinha conhecimento do local “chupa-chupa”. “Trabalho

aqui no bairro e este termo refere-se as mulheres que ficam na margem do rio fazendo programas”, disse um dos entrevistados.

A invisibilidade social é um dos conceitos estudados e abordados neste trabalho, a partir disso, fez-se necessário questionar se o termo era conhecido pela população e o que para eles significava. Embora o termo não fosse conhecido por ninguém, alguns o definiram ou exemplificaram corretamente: “O fato de ver todos os dias moradores de rua pelas calçadas e fingir normalidade”; “pedreiros, garis, operadores de caixa, porteiros, etc”; “homossexuais”.

A partir do resultado obtido com as entrevistas e questionário online, foi possível comprovar a invisibilidade das mulheres do mangue de Santo Amaro perante a sociedade recifense. Embora pareça difícil acreditar que mulheres morando, se prostituindo e vivendo em condições sub-humanas visando financiar o vício de drogas sejam invisíveis para a grande maioria das pessoas que moram na mesma cidade, ou que conhecem o bairro, e algumas que inclusive trabalham no entorno, está é a realidade das mulheres do mangue de Santo Amaro e é uma situação alarmante, uma vez que, a invisibilidade perante a sociedade também faz com que não exista cobrança da população para os órgãos governamentais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No transcorrer deste trabalho, foi pontuada a influência e apropriação do mangue e sua relação com a pobreza. Foi visto que a miséria ocupando o mangue da cidade do Recife é uma situação que já havia sido relatada desde a década de 60, por Josué de Castro, e que permanece atual e forte na capital pernambucana. Esta ocupação, também foi causada devido a forte desigualdade social que direcionou os mais pobres e vulneráveis para áreas mais desvalorizadas e sem infraestrutura. A desigualdade também leva as vítimas a exclusão, dificultando que a situação seja revertida.

A partir disso, foram estudados os conceitos de desigualdade social e exclusão, além de um conceito novo, a invisibilidade social, que acontece quando as vítimas da exclusão, além de excluídas, também são invisíveis perante a sociedade. Também foram estudados estes conceitos no Recife, expondo como estão presentes em toda a cidade, onde por exemplo, um bairro como Boa Viagem possui o IDH de um país de primeiro mundo e Santo Amaro o IDH de um país africano como a Mongólia, onde pessoas vivem em condições sub-humanas.

Entre tantos cenários de desigualdade e exclusão do Recife, o mangue de Santo Amaro foi destacado neste trabalho, mais especificamente uma faixa de manguezal e asfalto localizada no bairro de Santo Amaro, onde estão mulheres invisíveis perante a sociedade e afundadas em uma relação de prostituição feminina e consumo de crack na cidade. A partir do discurso de uma destas mulheres, foi evidente o histórico de violência doméstica e conforme foi estudado por Assis (2017), essa história se repete por quase todas. “A prostituição vivenciada por nossas informantes revela contornos de intensas ausências no âmbito da escolarização, habitação, saúde, emprego/renda, dentre outros aspectos que nos leva a concluir que suas trajetórias não estão deslocadas desses condicionantes” (ASSIS, 2017).

Neste trabalho, foi estudado quem são e como vivem estas referidas mulheres, os fatores que as influenciaram a irem para o mangue e sua relação com o mesmo além de analisar a invisibilidade social sofrida por elas perante a sociedade e o Estado. Para isto, foram realizadas visitas ao entorno, entrevistas a supervisora e

assistentes sociais do Programa Atitude, financiado pelo Governo do Estado, que realiza projetos de assistência social a essas moças. Também foi preciso entrevistar uma das moradoras do mangue, assistir documentários sobre o cotidiano e estudar os depoimentos feitos por elas para a tese de mestrado de Assis (2017). Como resultado, foi possível concluir que o histórico de violência doméstica as fez fugir de suas casas e buscar nas drogas um refúgio para os problemas, e no mangue, encontraram a oportunidade de usar a droga, se abrigar e trabalhar para sustentar o vício.

Como resultado da entrevista com a equipe do Atitude, foi possível concluir que embora este programa acolha e ofereça assistência social para as mulheres objeto deste estudo, falta investimento do Estado e desta forma, não há capacidade para atender a todas que procuram apoio. Também foi visto que a falta de investimento não acontece por falta de capital, mas pela desorganização ou má distribuição, pois, existe um imóvel onde antes funcionava o Centro POP, próximo ao Centro de Acolhimento do Atitude, que poderia receber mais usuárias e com mais conforto, que encontra-se com o aluguel e vigilante pagos pelo Estado e atualmente está sem uso. A supervisora do programa também pontuou que é preciso investimento no treinamento das pessoas dos postos de saúde para receber as mulheres caranguejo, pois muitos não as atendem por medo. Outra situação de descaso e invisibilidade perante o Estado vista neste trabalho foi o Projeto de Revitalização da Vila Naval, um projeto de revitalização de grande porte que impactará em todo bairro e está localizado no entorno de onde vivem das mulheres objeto de estudo deste trabalho. A proposta se estendeu além da Vila Naval e engloba também a Avenida Cruz Cabugá, mas as mulheres que vivem em situação alarmante não foram consideradas neste projeto.

Alguns recifenses também foi entrevistada, visando comprovar a invisibilidade das mulheres do mangue. O resultado foi alarmante, pois apenas 1% dos entrevistados, que incluía pessoas que trabalham no entorno ou pessoas que transitam nas proximidades, sabiam de fato quem eram e as condições que vivem as moradoras do manguezal de Santo Amaro. Acredita-se que como não há visibilidade destas mulheres perante a sociedade, não há cobrança da população para que o Estado invista em programas que possam solucionar ou minorar a situação sub-humana em

que vivem. Espera-se assim, que a população conheça a história de sofrimento das mulheres em estudo, cobrem e pressionem o Estado a investir nos programas existente que oferecem assistência social e acolhimento, na saúde e em programas de educação voltados a reinserção social e ao mercado de trabalho, uma vez que é obrigação do Estado oferecer cuidados e ajudar a retirar as mulheres que querem mudar de vida e estão em situação de risco e vulnerabilidade.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Laura Maria Pedrosa de. Vulnerabilidade social. **Atlas de Municipal, Desenvolvimento Humano no Recife**. S.d. Disponível em: <<https://www.recife.pe.gov.br/pr/secplanejamento/pnud2006/doc/analiticos/Vulnerabilidade%20Social.pdf>>. Acesso em 20 de março de 2018/

ALVES, Cleide. **“Passeio para desbravar a Ilha de Deus, comunidade pesqueira do Recife**. Jornal do Comércio Online, setembro de 2016. Disponível em: <<http://jconline.ne10.uol.com.br/canal/cidades/geral/noticia/2016/09/01/passeio-para-desbravar-a-ilha-de-deus-comunidade-pesqueira-do-recife-251149.php>>

ANDRADE, Oswald. **Santeiro do mangue e outros poemas**. São Paulo: Globo: Secretaria do Estado da Cultura, 1991.

ARAUJO, Mateus. **Crítica: ‘Pontilhados’ vê o Recife pelo povo da rua**. Jornal do Comércio Online, fevereiro de 2015. Disponível em: <<http://jc.ne10.uol.com.br/blogs/terceiroato/2016/02/26/critica-pontilhados-ve-o-recife-pelo-povo-da-rua/>>. Acesso em: 12 de agosto de 2017.

ARZABE, Patrícia Helena Massa. **Pobreza, Exclusão Social e Direitos Humanos: O papel do Estado**. S.d . Tese de doutorado em Direito pela Universidade de São Paulo.

ASSIS, Mércia Cristina da Silva. **Entre pedras, prostituição e lamas: um estudo sobre as experiências das usuárias de crack em Santo Amaro, Recife/PE**. Dissertação de Mestrado, 2017, Universidade Federal de Pernambuco.

BARBOSA, Fernanda Gomes. **Estrutura e análise espaço temporal da vegetação do manguezal do Pina, Recife-PE: subsídios para manejo, monitoramento e conservação**. Março de 2010, dissertação de pós-graduação. Universidade Federal de Pernambuco.

BUARQUE, Cristovam. **APARTAÇÃO – O apartheid social no Brasil**. 2. Ed., coleção primeiros passos. Editora Brasiliense: 1993.

Câmara Municipal do Recife. **Aline Mariano realiza audiência pública sobre mangue de Santo Amaro**. Novembro de 2014. Disponível em: <<http://www.recife.pe.leg.br/noticias/aline-mariano-realiza-audiencia-publica-sobre-mangue-de-santo-amaro>>. Acesso em: 12 de agosto de 2017.

CARVALHO, Ciara. **Grande Recife tem a maior vulnerabilidade social no País**. Jornal do Comércio Online, Agosto de 2017. Disponível em: <<http://jconline.ne10.uol.com.br/canal/cidades/geral/noticia/2017/08/24/grande-recife-tem-a-maior-vulnerabilidade-social-do-pais-303069.php>>. Acesso em 22 de março de 2018.

CASTRO, Josué. **Homens e Caranguejos**. 3. ed., Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2007.

CASTRO, Josué. **O ciclo dos caranguejos**. Porto, Brasília, 1966.

Catamaran Tours. **Promoção Tour Ilha de Deus**. Recife. S.d. Disponível em: <<http://www.catamarantours.com.br/passeio-abrir.php?idRoteiro=79>>. Acesso em: Fevereiro de 2018.

CAVALCANTE, Diogo. **Antes solução, Via Mangue é sinônimo de engarrafamento em horários de pico**. Jornal do Comércio Online. 10 de maio de 2017. Disponível em: <<http://jconline.ne10.uol.com.br/canal/cidades/jc-transito/noticia/2017/05/10/antes-solucao-via-mangue-e-sinonimo-de-engarrafamento-em-horarios-de-pico-282688.php>> Acesso em: Março de 2018.

COELHO, Antônio. **Plano prevê mudanças urbanísticas no bairro de Santo Amaro, no Recife**. G1, Pernambuco. 08 de agosto de 2017. Disponível em: <<https://g1.globo.com/pernambuco/noticia/plano-preve-mudancas-urbanisticas-para-o-bairro-de-santo-amaro-no-recife.ghtml>>. Acesso em: 01 de junho de 2018.

COSTA, Fernando Braga de. **Garis: um estudo de psicologia sobre invisibilidade pública**. Dissertação de Mestrado – USP. São Paulo, novembro de 2002.

CONSTANTINO, Mateus. **Invisibilidade social: outra forma de preconceito**. Overmundo. Junho de 2007. Disponível em: <<http://www.overmundo.com.br/overblog/invisibilidade-social-outra-forma-de-preconceito>>. Acesso em: 27 de setembro de 2017.

CUNHA, Pedro Henrique. **Moradores do mangue ainda vivem no tempo de Josué de Castro**. Diário de Pernambuco, setembro de 2013. Disponível em: <http://www.diariodepernambuco.com.br/app/noticia/vida-urbana/2013/09/20/interna_vidaurbana,463307/moradores-do-mangue-ainda-vivem-no-tempo-de-josue-de-castro.shtml>. Acesso em: 10 de agosto de 2017.

Diário de Pernambuco. **Vila Naval terá uso misto e áreas de convivência**. 09 de agosto de 2017. Disponível em: <http://www.diariodepernambuco.com.br/app/noticia/vida-urbana/2017/08/09/interna_vidaurbana,716846/vila-naval-tera-uso-misto-e-areas-de-convivencia.shtml>. Acesso em: 01 de junho de 2018.

FALCÃO, Jaqueline. **Moradores do Morumbi, em SP, pedem unidade pacificadora na favela de Paraisópolis**. O Globo. São Paulo, 31 de agosto de 2011. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/brasil/moradores-do-morumbi-em-sp-pedem-unidade-pacificadora-na-favela-de-paraisopolis-2685164>>. Acesso em: março de 2018.

Federação Pernambucana de Remo. **2ª Regata Pernambucano 2015**. Disponível em: <http://fpr-remo.com.br/?page_id=2921>. Acesso em janeiro de 2018.

Fiocruz. **'Saúde em Pauta' pergunta: você é a favor da internação compulsória para dependentes químicos?** Fundação Oswaldo Cruz: Um instituição a serviço da vida. 27 de setembro de 2013. Disponível em: <<https://portal.fiocruz.br/noticia/saude->

em-pauta-pergunta-voce-e-favor-da-internacao-compulsoria-para-dependentes-quimicos>. Acesso em: junho de 2018.

FREYRE, Gilberto. **Guia prático, histórico e sentimental da cidade do Recife**. 5. ed., Global editora, 2007.

FREYRE, Gilberto. **Mucambos do Nordeste - algumas notas sobre o tipo de casa popular mais primitivo do Nordeste do Brasil**. Recife, Fundação Joaquim Nabuco, 1967.

G1 PE. **No Recife, 160 palafitas são retiradas para construção da Via Mangue**. Novembro de 2011, disponível em: <<http://g1.globo.com/pernambuco/noticia/2011/11/no-recife-160-palafitas-sao-retiradas-para-construcao-da-mangue.html>>. Acesso em: 09 de março de 2018.

Jornal do Comércio. **Palafitas voltam com tudo no Recife**. Dezembro de 2016, disponível em: <<http://jconline.ne10.uol.com.br/canal/cidades/geral/noticia/2016/12/14/palafitas-voltam-com-tudo-no-recife-263502.php>>. Acesso em: 09 de março de 2018.

Jornal do Comércio. **Recife é a capital nordestina com melhor IDH**. Julho de 2015, disponível em: <<http://jconline.ne10.uol.com.br/canal/mundo/brasil/noticia/2015/07/01/recife-e-a-capital-nordestina-com-melhor-idh-188468.php>>. Acesso em 10 de outubro de 2017.

JUCÁ, Gisafran Nazareno Mota. **O Lazer no Cotidiano do Recife do Pós-Guerra**. Artigo publicado na Revista Trajetos. 2006.

JUNIOR, Marcos José Ferreira Batista Júnior. **Os prazeres noturnos: boêmia e prostituição no Recife (1900-1930)**. Dissertação de pós-graduação—FADIMAB. Aracaju – SE. Outubro de 2016.

KÍRION, THALES. **Invisibilidade e solidão: a realidade de quem vive nas ruas do Recife**. Rádio Jornal Pernambuco, 25 de dezembro de 2017. Disponível em: <<http://radiojornal.ne10.uol.com.br/noticia/2017/12/25/invisibilidade-e-solidao-a-realidade-de-quem-vive-nas-ruas-do-recife--57751>>. Acesso em: 15 de março de 2018.

LUIZ, Caique. **Em busca de um chão para chamar de seu**. 8 de dezembro de 2013. Recifaces. Discutindo a apropriação do espaço público no Recife. Disponível em: < <https://recifaces.wordpress.com/category/moradia/> >. Acesso em: Março de 2018.

MANO, Ana Cristina Machado Agante. **Pobreza e Exclusão Social**. Artigo de aluna de graduação em sociologia, Faculdade de Economia - Universidade de Coimbra. S.d.

MELO, Jamildo. **Violência no mangue de Santo Amaro será discutida em reunião do Pacto pela Vida**. Blog de Jamildo, novembro de 2014. Disponível em:

<<http://blogs.ne10.uol.com.br/jamildo/2014/11/05/violencia-mangue-de-santo-amaro-sera-discutida-em-reuniao-pacto-pela-vida/>>. Acesso em: 12 de agosto de 2017.

MIRANDA, Livia Isabel Bezerra de. **Organização socioespacial e mobilidade residencial na Região Metropolitana do Recife, PE**. Artigo publicado em Cadernos metrópole, PUC – São Paulo. 2004.

NANNI, Henrique Cesar. **A importância dos manguezais para o equilíbrio ambiental**. Dissertação de mestrado - UNAERP Campus Guarujá.

NASCIMENTO, Lorrane Campos do. **Análise do Apartheid como um crime contra a humanidade**. Dissertação de graduação - UNICEUB. Brasília, 2009.

NETA, Maria Amélia Vilanova. **Decifrando a Paisagem dos Mocambos do Recife**. Janeiro de 2005, dissertação de pós-graduação, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

NETO, Epitácio Nunes de Souza. **Ruínas e prostituição no Recife: a história do chatechair**. Recife, Tese de Doutorado – Faculdade da Integração do Sertão – FIS. Novembro de 2016.

PARENTE, Luciana Rachel Coutinho. **As relações do turismo com a prostituição feminina de rua em Recife, Pernambuco - Brasil: permanências e transformações na dinâmica socioespacial**. Artigo publicado na revista eletrônica de geografia e ciências sociais - Universidade de Barcelona. 2014. Disponível em: <<http://revistes.ub.edu/index.php/ScriptaNova/article/view/14978>>. Acesso em 10 de agosto de 2017.

PARENTE, Luciana Rachel Coutinho. **Os territórios da prostituição feminina de rua em Recife, Pernambuco – Brasil: Conflitos e transformações no espaço geográfico**. Junho de 2012, Tese de Doutorado–Universidade de Lisboa.

POCHMANN, Marcio. **Atlas da Exclusão Social No Brasil - Dez Anos Depois**. Vol. 1. Cortez editora, 2014.

Portal R7. **Horror e vergonha: veja as imagens mais chocantes do apartheid na África do Sul**. 07 de dezembro de 2013. Disponível em: <<https://noticias.r7.com/internacional/fotos/horror-e-vergonha-veja-as-imagens-mais-chocantes-do-apartheid-na-africa-do-sul-07122013#!/foto/10>>. Acesso em abril de 2018.

RANGEL, Márcio. **As mulheres do mangue**. Edição de Pablo Toletto. São Paulo, Reportagem do programa jornalístico Repórter Record Investigação do dia 17/03/2016.

Recife, PE. **Atlas De Desenvolvimento Humano Recife**. Disponível em: <http://www.atlasbrasil.org.br/2013/pt/perfil_m/recife_pe>. Acesso em: 10 de outubro de 2017.

RODRIGUES, Gilson. **(In)visibilidade social: o jogo dramático entre visibilidade e invisibilidade dos atores sociais.** Artigo Científico disponível em: <http://www.enapet.ufsc.br/anais/IN_VISIBILIDADE_SOCIAL_O_JOGO_DRAMATICO_ENTRE_VISIBILIDADE_E_INVISIBILIDADE_DOS_ATORES_SOCIAIS.pdf>. Acesso em: 20 de Janeiro de 2018.

RUI, 2014, p. 25 apud FELTRAN, 2008, apud ASSIS, 2017. **Entre pedras, prostituição e lamas: um estudo sobre as experiências das usuárias de crack em Santo Amaro, Recife/PE.** Dissertação de Mestrado, 2017, Universidade Federal de Pernambuco.

SADER, Emir. **Contra a democracia, a exclusão social que o capital exige.** Revista do Brasil. Rede Brasil Atual. 02 de Julho de 2017. Disponível em: <<http://www.redebrasilatual.com.br/revistas/130/contra-a-democracia-a-exclusao-social-que-o-capital-exige>>. Acesso em março de 2018.

SANT'ANNA, Emilio. **Bairro de palafita no Recife é símbolo do descaso no combate ao Aedes.** Folha de São Paulo. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2015/12/1719131-bairro-de-palafita-no-recife-e-simbolo-do-descaso-no-combate-ao-aedes.shtml>> Acesso em Fevereiro de 2018.

SANTOS, Rinaldo dos. **Os Sertaniadas 1500 a 1900: 500 anos de hipocrisia na história do brasil.** Porto Alegre: Revolução eBook, 2017.

SOARES, Roberta. **A Via Mangue começou a transbordar.** Jornal do Comércio Online. Disponível em: <<http://jc.ne10.uol.com.br/blogs/deolhonotransito/2017/05/06/via-mangue-comecou-transbordar/>>. Acesso em 19 de novembro de 2017.

SOUSA, Alberto. **Do Mocambo à favela, Recife 1920-1990.** Recife: UFPB, 2016.

SOUZA, 2016 apud ASSIS. **Entre pedras, prostituição e lamas: um estudo sobre as experiências das usuárias de crack em Santo Amaro, Recife/PE.** Dissertação de Mestrado, 2017, Universidade Federal de Pernambuco.

SOUZA, Alice de. **A relação do recifense com o manguezal da cidade.** Diário de Pernambuco, Julho de 2017. Disponível em: <http://www.diariodepernambuco.com.br/app/noticia/vida-urbana/2017/07/29/interna_vidaurbana,715256/a-relacao-do-recifense-com-o-manguezal-da-cidade.shtml>. Acesso em 10 de outubro de 2017.

SOUZA, José. **Invisibilidade social: A outra face do preconceito.** Artigo Científico, 31 de Janeiro de 2010.

TEXEIRA, Marcionila. **As “mulheres-caranguejo” do bairro de Santo Amaro.** Diário de Pernambuco, agosto de 2014. Disponível em: <http://www.impresso.diariodepernambuco.com.br/app/noticia/cadernos/vida-urbana/2014/08/05/interna_vidaurbana,95775/mulheres-caranguejo-no-mangue-de-santo-amaro.shtml>. Acesso em: 10 de agosto de 2017.

APÊNDICE A - ENTREVISTA COM A EQUIPE DO PROGRAMA ATITUDE

1. Nome e profissão
2. Qual sua atuação no bairro de Santo Amaro?
3. A senhora conhece o termo invisibilidade social?
4. Já ouviu falar no termo mulher caranguejo? Caso não, explicar que se trata das mulheres do mangue de Santo Amaro, uma vez que o termo foi criado por um repórter responsável pelo documentário sobre as mulheres do mangue.
5. A sua entidade desenvolve algum trabalho para essas mulheres?
6. Existem projetos de apoio as mulheres caranguejo em vigor? Se sim, quais são? Quem são os atores envolvidos? Quais os objetivos do projeto? Das ações?
7. Para a senhora, o que leva essas mulheres a permanecerem no mangue e o que as atraiu a área?
8. A senhora saberia me informar o número de mulheres no mangue de Santo Amaro?
9. A senhora sabe me informar de onde vem as mulheres?
10. Sabe me explicar como começou essa ocupação?
11. Há registro de crianças/adolescentes entre elas?
12. A quanto tempo que estão ocupando o espaço?
13. Como chegou essa questão a prefeitura?
14. Em sua opinião, como essas mulheres continuam invisíveis a sociedade até hoje?
15. Em sua opinião, em que medida, a invisibilidade destas mulheres agrava a situação em que vivem?
16. Para você, quais seriam as diretrizes para solucionar ou minorar a situação em que vivem as mulheres caranguejo?
17. Você tem conhecimento do projeto de revitalização da Vila naval? Há algum projeto para as mulheres do mangue de santo amaro?

APÊNDICE B - QUESTIONÁRIO ONLINE COM A POPULAÇÃO RECIFENSE

1. Você conhece as áreas de mangue do Recife?
2. Na sua opinião, quais os problemas sociais do Recife?
3. Você conhece o bairro de Santo Amaro? O que vem a sua mente quando pensa nesse bairro?
4. Caso conheça o bairro, você frequenta ou passa por ele com frequência?
5. Conhece a ponte de Limoeiro? (Próxima a Prefeitura do Recife)
6. Você conhece a expressão invisibilidade social? Para você, o que seria invisibilidade social?
7. Quem ou quais grupos você identificaria como invisíveis sociais? Porque?
8. Em sua opinião, o que pode ocorrer se essa população continuar invisível?
9. Já ouviu falar no termo mulher caranguejo? Caso sim, onde ouviu e quem são as mulheres caranguejo
10. O termo “chupa-chupa” é uma expressão popular no bairro de Santo Amaro. Para você, o que esse termo significa?

APÊNDICE C - ENTREVISTA PESSOAL COM MORADORES RECIFENSES

1. Você conhece as áreas de mangue do Recife?
2. Na sua opinião, quais os problemas sociais do Recife?
3. Você conhece o bairro de Santo Amaro?
4. O que vem a sua mente quando pensa nesse bairro?
5. Caso conheça o bairro, você frequenta ou passa por ele com frequência?
6. Conhece a ponte de Limoeiro? (Próxima a Prefeitura do Recife)
7. Você conhece a expressão invisibilidade social?
8. Para você, o que seria invisibilidade social?
9. Quem ou quais grupos você identificaria como invisíveis sociais? Porque?
10. Já ouviu falar no termo mulher caranguejo? Caso sim, onde ouviu e quem são as mulheres caranguejo?
11. Você já ouviu falar no local conhecido popularmente como “chupa-chupa”? Saberria dizer onde fica?

APÊNDICE D - ENTREVISTA COM MULHER DO MANGUE DE SANTO AMARO

1. Antes de chegar ao “chupa-chupa”, onde você morava? Como era sua relação com a família?
2. O que atraiu você ao mangue e o que te fez permanecer?
3. Quando você chegou ao “Chupa-chupa”? Como foi a receptividade das mulheres que já moravam lá?
4. Onde você dorme no mangue? Tem alguma casa? Colchão?
5. Onde acontece os programas sexuais? Qual o valor médio cobrado?
6. Já ouviu falar no termo mulher caranguejo?
7. Alguma entidade do Estado já abordou você oferecendo acolhimento, apoio ou ajuda?
8. Você saberia me informar o número de mulheres no mangue de Santo Amaro?
9. Você sabe me informar de onde vem as mulheres? São a maioria de Santo Amaro ou de outros bairros/cidades?
10. Você sabe se há crianças/adolescente no “Chupa-chupa”?
11. Você sabe se há abordagem policial na área? Os policiais entram no mangue?
12. Você já sofreu alguma violência dos clientes?
13. Para você, o que te impulsionaria, e as demais mulheres, a pararem com o uso de drogas e mudarem o estilo de vida?